

Menina não chora

Rosângela Trajano



Prefácio

Samuel de Mattos

Menina não chora

Rosângela Trajano

Menina não chora

Lucgraf

Natal

2022

Título Original: Menina não chora

© Copyright 2022 by Rosângela Trajano

Todos os direitos reservados. Autorizado o uso de seu conteúdo, desde que acompanhado de citação da fonte.

Projeto gráfico, ilustrações e capa

Da autora

Revisão

Samuel de Mattos

Catálogo da Publicação na Fonte.
Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

T768m Trajano, Rosângela.
Menina não chora. / Rosângela Trajano. – 1. ed. – Natal/RN:
Lucgraf, 2022.
120p.; il.; 21 x 29,7cm; eBook (pdf).

Projeto gráfico, capa e ilustrações da autora.
Revisão: Samuel de Mattos
ISBN: 978-65-88011-54-6.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura – Romance. 3. Ficção brasileira.
I. Título.

CDU 821.134.3(81)
CDD B869.3

*Para todas as meninas em situação de
vulnerabilidade no meu país.*

*Em especial para mamãe que viveu sua
infância pelas ruas de Macaíba no Rio Grande do Norte*

PREFÁCIO

Menina não chora, esta novela de estreia de Rosângela Trajano, percorre as minúcias do drama em dez capítulos sobre a história da menina sem nome, ou melhor, da Maria do Mar. Trata-se de uma prosa simples em linguagem e requintada em sentimentalismos e reflexões, que, página a página, vão dando forma à personagem protagonista e a suas peripécias, aventuras e conflitos diversos. Aqui, arte e vida caminham juntas, dissecando tramas aparentemente traçadas pelo destino e caminhos agrídoces da existência humana.

Das muito difundidas conversas sobre problemas sociais até alcançar a verossimilhança dura e cruel de certas violências enfrentadas, principalmente, por mulheres e meninas, esta narrativa destrincha um tipo de personagem não muito comum em obras literárias protagonizadas por crianças. Pouco se sabe sobre o passado da Maria do Mar, mas isso nada impede que a leitura avance por sobre os escombros dos acontecimentos dolorosos e felizes de sua vida.

Durante a leitura desta engajante história pode-se perguntar até que ponto vão a coragem e a maldade humanas; pode-se questionar se tudo o que acontece com Maria do Mar não passa de fruto de sua imaginação ou se é apenas um retrato “objetivo” de uma realidade cotidiana do nosso país, do mundo. Pode até não haver respostas prontas para tais questões, todavia, é latente o propósito a cada passo da narrativa de mobilizar reflexões intranquilas, de tocar em feridas sociais que se teimam esquecer e não ver.

Este livro pode, além de reativar conhecimentos prévios sobre problemas sociais, o amor, o respeito e a violência, provocar novas inquietações face a um mundo que é infiel aos menos privilegiados, e, assim como poderá te fazer chorar, também será capaz de te arrebatrar de felicidade!...

Ótima leitura!

Samuel de Mattos
Poeta e escritor

APRESENTAÇÃO

Escrever *Menina não chora* não foi fácil. Chorei em cada linha que escrevia, em cada experiência da menina que podia ser eu, você leitor ou leitora amiga ou alguma menina que nunca vimos antes, mas sabemos que existem muitas espalhadas pelo nosso país. Vez ou outra, encontro com uma dessas meninas nos mais variados locais da minha cidade Natal. Gostaria de poder fazer alguma coisa por elas, mas também me sinto meio menina de rua nas desigualdades culturais, políticas e sociais nas quais foram construídos os alicerces da minha infância de menina pobre e negra que ainda vive intensamente dentro de mim.

A menina desta novela nunca chorará. Ela procura o tempo todo ser forte e corajosa, mesmo quando o medo bate nos seus olhos e coração sofrido. É preciso não chorar nunca para que não sejamos chamados de fracos e para que os outros não percebam ou descubram os nossos medos. Nunca sabemos o que vão pensar sobre nós. Quando aprendemos a não chorar por mais nada acredito que deixamos de existir de certa forma e paramos de sentir as dores da vida, ou seja, é como se as mais terríveis coisas não mais nos causassem medo ou causassem tanto medo de que não damos conta do perigo real.

Esta obra foi escrita pensando nas milhares de crianças, especialmente as meninas, que vivem em situação de vulnerabilidade no nosso país. Um alerta para que você, querido leitor ou leitora, possa refletir sobre o que é possível fazer para diminuir os números de pobreza e abandono das nossas crianças. Há cenas impactantes e muito realistas nesta obra que talvez eu nunca quisesse as escrever, porém foi preciso porque mostra a realidade difícil que é para uma criança viver sozinha pelas ruas.

Quando você terminar de ler *Menina não chora* tenho certeza que acabará chorando não para mim, mas para as milhares de crianças que estão abandonadas e sofrendo violências físicas e emocionais nas ruas das grandes cidades. Chore enquanto há infâncias dentro de você.

A autora



Capítulo I

Era uma vez uma menina abandonada pelas ruas de uma cidade grande, sem conhecer ninguém, sem ter o que comer, sem ter onde dormir ou tomar banho. Seu vestido de cor branca estava sujo e fedido de xixi, andava descalça porque não tinha sapatos. Perambulava o dia inteiro, ora olhando vitrines, ora conversando com o vento que passava arrepiando seus longos cabelos castanhos. A vida doía como tudo nela. Tinha várias perguntas dentro de si que não ousava buscar respostas para não sentir mais dores. Sofria calada, mas aprendera a não chorar.

Uma menina de rua devia ser valente e corajosa, assim lhe ensinaram. Aqui não cabe meninas medrosas, disse certa vez uma senhora que catava papelão. Você tem que se virar, menina, a vida é dura e você vai ter que engolir muitos dragões, disse um homenzinho que dormia na mesma calçada que ela. Era assim. Cada um que quisesse, dava uma força para a menina do seu jeito. Ninguém sabia que o que ela mais queria e precisava era de um abraço, e como não recebia dos seres humanos, ela costumava abraçar as poucas árvores que existiam naquela cidade.

A menina costumava pensar muito. De tanto pensar sentia a cabeça doer. Sentava-se diante do mar no meio da madrugada friorenta quando tudo era silêncio e só as ondas falavam.

— Quem sou eu?

Era essa a pergunta que se fazia sempre. Não sabia quase nada de si, a não ser de que era uma menina corajosa e que não tinha medo do escuro. Talvez fosse muito saber tudo aquilo, ou talvez não. Aos

oito anos de idade é preciso já saber muita coisa da vida quando se vive sozinha pelo mundo. Não queria a menina ficar buscando respostas para coisas sofridas como a sua família ou o motivo pelo qual a abandonaram. Ela mandava esses pensamentos para bem longe.

Depois de passar horas olhando para o mar sentada na areia, a menina sem nome, sim, porque ela não sabia que nome tinha e todos a chamavam simplesmente de “menina”. Era estranho aquilo! Tudo era muito estranho na sua vida, mas ela não ligava! Viver por si só é um ato estranho e solitário. A menina levantou-se e foi caminhando pelas ruas em busca das latas de lixo onde sempre encontrava algo para comer.

Estava com fome. Muita fome. Não tinha almoçado e nem jantado. A barriga roncava. Sentia que ia resfriar, pois estava espirrando desde cedo. O inverno chegara. Avisava a garoa que caía pela cidade. Era preciso conseguir um cobertor. Era preciso proteger-se do frio para não pegar uma pneumonia, como dizia o seu velho amigo Tom. Ele era uma espécie de pai para ela. Só se viam à noite quando a menina se juntava aos demais moradores de ruas e deitavam-se numa calçada grande. Ali todos eram uma família só. Ali a vida doía menos.

A menina seguiu mexendo nas latas de lixo onde tinha ratos, gatos e cachorros disputando com ela restos de comida. Sempre quis criar um bichinho, mas mal sabia cuidar de si, imagine de um animal. Era preciso ser responsável. Quando se mora nas ruas é a gente

quem tem que dar conta de tudo o que fazemos ou deixamos de fazer. Como no dia em que ela pisou sem querer nas flores do jardim de uma mulher e recebeu um copo de água no corpo. Ficou toda molhada e ainda foi xingada pela mulher brava.

Sem que esperasse, a menina, depois de muito mexer em várias latas de lixo, encontrou numa delas uma velha boneca de plástico suja e que chorava e fechava os olhos quando se mexia nela. Os cabelos da boneca estavam arrepiados e ela não tinha roupas. De repente, os seus olhinhos de menina de oito anos se iluminaram. Ela ficou contente com aquele achado. Deu vários pulinhos espantando os gatos e os cachorros.

— Minha primeira boneca de verdade!

A alegria foi tamanha que esqueceu da fome. Abraçou a boneca contra o seu corpo magrinho. Teve medo de que alguém quisesse lhe roubar a boneca e a colocou por dentro do seu vestido. Nunca tivera uma boneca de verdade antes. Há muito tempo lhe deram um urso velho e rasgado que logo morreu, depois lhe deram uma boneca de pano sem graça que também logo morreu. Depois, ela não quis mais saber de bonecas. Todas morriam nas suas mãos. Mas, aquela não morreria. Aquela boneca traria felicidade para ela. Era diferente de todas as que já tinha visto. Era uma boneca de menina rica. Daquele dia em diante, a menina passou a se sentir rica e, como se morasse num castelo, pensou ser uma princesa segurando firmemente a sua boneca de plástico.

Tem coisas que nos deixam felizes pelas suas simbologias. A boneca representava para a menina uma nova vida. A partir daquele dia não mais estaria sozinha. Sem contar que precisaria cuidar da sua boneca. Dá-lhe amor e fazê-la feliz. Afinal, só eram elas duas no mundo e mais ninguém.

— Será que o Tom vai gostar da minha boneca?

Sim, havia o Tom, o seu amigo da calçada. Ele era meio bobão, às vezes, mas entendia bem de brinquedos, pois já trabalhara numa fábrica. Também era meio sonhador e sonhava junto com a menina numa vida melhor para eles quem sabe um dia. Tom era o que a menina precisava para manter a esperança de um dia sair das ruas, pois ele a fazia sonhar. E lá se foi ela correndo ao encontro do seu amigo para mostrar-lhe a sua boneca linda que chorava e fechava os olhos!

A menina correu pelas ruas com semáforos abrindo e fechando. Algumas luzes dos prédios ainda estavam acesas. Devia ser perto da meia-noite. Nunca tinha hora para dormir. Não tinha hora para nada na vida. Dormia tarde e acordava cedo porque a calçada era tomada pela multidão que passava apressada para ir trabalhar. Muitas vezes ela seguia aquela gente pra ver se chegava em algum lugar que cuidasse dela, mas parecia invisível, pois as pessoas não a viam e quando a viam expulsavam imediatamente do local. Ninguém gosta de criança suja, descalça, desdentada e de cabelos arrepiados. Nem ela às vezes gostava de si.

A menina chegou na calçada da rua em que sempre dormiam todos os seus amigos. Procurou pelo Tom toda feliz para mostrar-lhe a sua boneca. Ele só dormia depois que ela chegava das suas andanças. Uma vez ela perguntou para ele:

— E se eu nunca mais voltar, Tom?

— Então nunca mais eu dormirei!

E os dois riram um bocado daquela resposta engraçada. A menina achou estranho o Tom não estar no local de sempre. O local estava vazio. Não podia nem perguntar para alguém por ele, pois todos dormiam cobertos com papelões.

— Ué, onde está o Tom?

A menina passou a noite acordada à espera do Tom que não apareceu. Quando o sol já vinha surgindo, pela primeira vez na vida, ela teve medo e chorou abraçada a sua boneca. Estava ficando medrosa e isso não podia acontecer. Era medo de que algo tivesse acontecido com o Tom. Era medo de nunca mais ver o Tom. O que de fato aconteceu? As noites se passaram. O inverno passou. E o Tom nunca mais voltou a dormir naquela calçada. Nem a menina teve mais notícias dele. Uns diziam que ele tinha ido embora não se sabia para onde, outros comentavam que o Tom tinha sido preso e ainda havia muitos que diziam que o Tom morrera atropelado. A menina preferiu ficar com a sua própria versão de que o Tom tinha encontrado um local para morar e estava bem.

Naquele dia, ela andou de casa em casa pedindo comida. Ainda havia pessoas caridosas em alguns bairros daquela cidade.

Carregava uma sacola plástica que o vento trouxe nas costas. Conseguiu dois pães duros, uma banana, uma laranja e um pouco de farinha. Já era alguma coisa. Não ficaria com fome naquele dia. Nem ela e nem a sua boneca. Sentou-se no banco de uma praça e ficou ali brincando com a sua boneca.

— Agora somos só nós duas, Alice. Eu e você, você e eu.

Alice era o nome que a menina dera a sua boneca. Gostava de ouvir a boneca chorar porque junto com ela chorava por dentro a saudade de uma vida que nunca viveu. Pela praça passavam crianças arrumadas para a escola, acompanhadas dos seus pais. Elas pareciam felizes dentro das suas roupas limpinhas e sapatos novos. A menina olhou para a estátua da praça, chegou mais perto e viu que lá estavam escritas umas palavras, mas ela não sabia ler. Talvez aquela estátua fosse de alguém importante. Abraçou a estátua para sentir-se importante igual a ela.

Um guarda patrimonial afastou-a bruscamente da estátua. Era proibido abraçá-la. A menina não sabia. Teve vontade de chorar, mas não era hora de se sentir fraca.

— Quem é esse homem da estátua, moço?

— Você não sabe ler, menina?

— Estou sem meus óculos. Não vejo nada. Quem é ela?

— Carlos Drummond de Andrade, o maior poeta brasileiro de todos os tempos.

Depois de ouvir aquilo a menina agradeceu ao moço que leu pra ela a informação próxima da estátua e se foi perambulando pelas

ruas. De longe, viu um homem parecido com Tom. Gritou por ele. O homem nem deu ouvidos. Gritou novamente. Correu atrás do homem. Ao chegar junto dele abraçou-se às suas pernas como fazia com Tom. O homem teve um susto.

— O que essa pilantrinha quer de mim? Guardas! Guardas!

A menina olhou direito para o homem que gritava desesperado pelos guardas com medo dela. Ele era bem diferente do Tom. O Tom era negro e aquele homem era branco por dentro e por fora. O Tom jamais faria um escândalo daqueles. Ela correu com medo de ser presa. Correu muito segurando a sua boneca e a sua sacola. Depois de muito correr parou de frente a uma floricultura. Olhou para trás e não viu ninguém. Talvez tivessem desistido de prendê-la. Também não fizera nada.

Sentia saudades do Tom. Todo homem que via passando por ela pensava ser ele. Era uma terça-feira quente naquela cidade de gente apressada. A menina, mexendo nas latas de lixo, encontrou um par de sapatos que ficaram folgados nos seus pés. Mesmo assim decidiu ficar com eles. Não andaria mais descalça. Os sapatos faziam um barulho estranho quando ela pisava no chão. Eles pareciam chorar. Que estranho! No fim do dia, foi ver o mar. Sentou-se com a sua boneca na areia e ficou conversando com ela durante algum tempo.

— Sabe, Alice, eu não tenho nome. Eu nem sei quem sou. E isso me torna diferente das demais meninas da minha idade. Eu queria

ter um nome e ser uma menina com uma casa e uma família. Você consegue me compreender, Alice?

A boneca sentada na areia diante do mar recebia o carinho da menina que vez ou outra colocava um pouco de farinha na sua boca para que comesse.

— É preciso se alimentar um pouco, Alice. Eu sei que você gostaria de tomar um sorvete igual a mim, mas eu não tenho dinheiro. Na verdade, eu não tenho nada. Só você. Aqui estamos com esta banana e este pouco de farinha. Já é muito. Tem dias que não consigo nem isso para comer.

A menina comeu com as mãos a farinha que o vento vez ou outra insistia em levar e as suas duas bananas que ganhou de uma boa senhora a quem pediu uma esmola pela manhã. Depois deitou-se na areia e colocou Alice sobre o seu corpinho. Ficou olhando as estrelas. O Tom dizia que se a gente visse uma estrela cadente era para fazer um pedido rapidamente. E que também não podíamos contar as estrelas porque senão nasceriam verrugas nos nossos dedos. Então, ao invés de contá-las, a menina conversava com elas.

— Como estão vocês, estrelinhas? Hoje meu dia foi bom. Todo dia é bom pra mim. Eu sinto saudades do Tom. Tenho Alice e cuido bem dela. Acho que hoje vou dormir aqui na praia. Não faz mais sentido ir para aquela calçada cheia de gente estranha sem o Tom estar por perto.

A menina fechou os olhinhos e adormeceu diante das estrelas abraçada a sua boneca Alice. Naquela noite, teve um sonho bonito.

Sonhou voando em cima de um pássaro grande com roupas limpas e cabelo penteado. O pássaro a levava para um castelo bonito onde ela tinha um pai e uma mãe que eram rei e rainha. Ela uma pequena princesa e tinha de tudo. Nada lhe faltava. Muitos brinquedos e muita comida para comer a hora que quisesse. A menina acordou bem quando ia tomar um sorvete de morango bem grandão. O sol surgia e as ondas do mar estavam quase molhando o seu corpinho sujo de areia.

Levantou-se e seguiu sem destino pelas ruas da cidade com a sua boneca e a sua sacola de plástico. Deixou o sol esquentar mais um pouco para ir pedir esmolas. Era só o que sabia fazer. Como era criança não pagava para andar nos transportes públicos da cidade e passava o dia subindo e descendo de um ou outro. Viajava toda a cidade muitas vezes. Naquele dia, resolveu ir para o outro lado da cidade, queria ficar bem longe das lembranças do Tom. Não queria mais pensar nele. Foi ingrato com ela. Se foi sem sequer se despedir. Que tipo de amigo vai embora sem dizer adeus? Será que existe amigo assim? Só os ingratos fazem isso. Mas, Tom não tinha jeito de ingrato, talvez ele tivesse morrido verdadeiramente.

Com aquela suposição, a menina encheu os olhos de lágrimas. Sabia que não podia ser fraca. Não deixou que as lágrimas caíssem, mas fez a boneca chorar por muito tempo como se fosse ela. Andou, andou e andou. Chegou numa padaria e pediu um pão. O homem deu-lhe dois. Pediu um pouco de leite. O homem disse que só tinha café. Ela disse que estava bom. O homem aceitou que ela se

sentasse em uma das mesas e tomasse o seu café da manhã. Ela até pensou que ele pudesse ser o Tom. Todo homem bom que ela via achava parecido com ele. Será que existe cópia de amigo? Pensava a menina. Na padaria tinha um grande espelho. Tinha também muita gente tomando café apressada. Ninguém quis sentar-se na mesa da menina suja e fedida de xixi. Ela comeu os dois pães bem devagar. Aquela podia ser a sua única refeição do dia. Deu um pedaço para Alice, que engoliu de uma vez só.

— Nossa, Alice! Que feio! Você nem mastigou o pedaço de pão! Você é uma comilona!

A menina agradeceu ao homem pela comida e quando foi saindo ele a chamou:

— Para onde você vai, menina?

— Não sei, senhor! Não tenho para onde ir! Qualquer lugar que eu chegar acho que será um lugar onde deverei ficar!

— Tome essas moedas e compre um vestido novo para você.

A menina ficou feliz da vida ao receber cinco moedinhas do homem da padaria. Sim, realmente, o seu vestido estava muito sujo e ela também. Há dias não tomava um banho. Era preciso procurar um rio e se limpar. Era preciso dar um banho em Alice também, que já fedia. Depois de receber as moedas a menina correu para uma loja de vestidos. Queria comprar um bem bonito. Com aquelas cinco moedas compraria um vestido para ela e para Alice e ainda sobraria para comprar um pouco de comida. Aquele homem era bom e gentil. Foi Tom que o colocou em sua vida. Só podia.



Capítulo II

A menina com a sua boneca Alice e as suas cinco moedas andaram mundos no final de manhã ensolarado. Era o que ela mais fazia quando queria esquecer algo: andar. Sim, ela queria esquecer do jeito legal que aquele homem da padaria a tinha tratado para não se acostumar com as coisas boas, pois ninguém nunca tinha se preocupado com ela. De vez em quando é preciso limpar até as coisas boas do coração para não corrermos o risco de só sabermos lidar com elas e quando vir uma má a gente chorar no primeiro desafio.

Foi andando à procura de um rio para tomar um banho e banhar a sua boneca Alice também. Segurava as moedas com cuidado, bem apertadas, na mão direita. Depois de muito andar, viu um rio com águas límpidas que descia a ladeira fazendo uma curva numa esquina de gente nenhuma. Tirou o vestido sujo e jogou-se naquelas águas para esquecer as suas dores e o seu sofrimento mergulhou várias vezes, sabendo que todas às vezes que entrava e saía do rio já era outra, segundo tinha lhe contado certa vez uma senhora de mais de cem anos que por descuido do tempo esqueceu de morrer e tornou-se uma pessoa velha apaixonada por crianças e que contou pra ela uma história de um tal de Heráclito que morava na Grécia Antiga, só para a menina ir dar um recado para ela no outro lado da cidade. A velha não tinha dinheiro para pagar.

Tomou tanto banho que quase mudou de cor. Jurava alguém que ela era uma menina branca de cabelos castanhos e grandes olhos azuis. Aquilo era sujeira. Tirou tudo do seu corpo. Deu banho em

Alice também. Depois sentou-se na grama verde perto do rio e deixou que o sol a enxugasse. Estava limpa e com o cheiro do rio. Mas que cheiro teria aquele rio? Ela não sabia dizer, apesar de cheirar os bracinhos várias vezes. Era um cheiro de mato misturado com peixe. Estava melhor do que antes. Isso era o importante. E se foi atrás de uma loja de vestidos para comprar um bem bonito pra si e pra Alice.

Depois de andar, andar e andar a tarde já vinha caindo quando a menina enfim encontrou uma loja com manequins de crianças com bonitos vestidos. A dona da loja veio lhe atender toda chateada e aborrecida. Já estava até acostumada com aquele jeito de as pessoas a tratarem. Nem ligava. Foi logo mostrando as suas moedas para não causar transtorno maior.

— Só quero comprar um vestido pra mim e pra minha boneca!

— De onde tirou essas moedas, garota?

— Ganhei do homem da padaria, senhora.

— Mentirosa! Deve ter roubado de alguém! Vá embora daqui! Xô!

— Espere! Espere! O dinheiro é meu! Eu o ganhei! Me venda dois vestidos, por favor!

— Você é igual a todos esses garotos de rua: tudo trombadinhas! Não se aproxime de mim senão chamo a polícia! Vá embora daqui agora mesmo!

A menina tão assustada saiu correndo para longe daquela mulher chata. Igual a ela existiam muitas no mundo. Correu tanto que se

cansou. Esbarrou num velhinho que atravessava a avenida movimentada e deixou cair as suas cinco moedas.

— Minha nossa, garotinha! Veja por onde anda! Para onde vai nessa correria?

— Desculpe-me, senhor! Estou correndo com medo da vida!

— Meu Deus! Eu também já corri assim! Pois continue a correr que em breve você vai encontrar coragem para enfrentar essa vida difícil e dura que muitas vezes bate na gente com força. Corra, menininha! Corra!

— Eu não posso mais correr, senhor!

— Ora! Por que não?

— Veja! As minhas moedas caíram no meio da avenida! Eu preciso as pegar!

— Bom! Não tenho muito tempo para ficar conversando com uma menininha bonita no meio da rua, mas acho melhor você desistir de pegar as suas moedas, pois os carros aqui passam em alta velocidade! Adeus!

O homem se foi e a menina ficou olhando as suas moedas espalhadas no meio da avenida e os carros passando por cima delas. Estavam todas espalhadas. Ela bem que tentou as pegar, mas era impossível. Os carros não paravam para crianças. Só respeitavam pessoas velhas. Ficou ali à espera de um bom velhinho. Anoteceu e não apareceu ninguém. Encostada no poste de iluminação pública olhava as suas moedas dormirem no chão da avenida mais movimentada do país. De repente, apareceu um velhinho para

atravessar a avenida e ela se colocou ao lado dele. O velhinho fez de conta que nem a viu. Usava gravata. Geralmente, aqueles homens de gravatas não davam muita atenção para crianças de ruas. Era comum. O importante era pegar as moedas. A menina pediu a ele um favor:

— O senhor poderia parar um pouco no meio da avenida?

— Está maluca, menina! Quer que os carros me atropелеm?

— Não! É que eu preciso de um tempo para pegar as minhas moedas que caíram no chão.

— Pois se vire sozinha! Garotas iguais a você adoram roubar descuidos de velhinhos para roubarem as suas carteiras. Por falar nisso onde está a minha?

O velhinho procurou pela sua carteira no bolso da calça e não a achou. Acusou a menina de ladra. Gritou pela polícia. A noite caía. A menina conseguiu fugir correndo. Vinha gente atrás dela. Ouviu uma sirene de carro da polícia. Correu. Correu muito. Achou uma lata de lixo e se escondeu dentro dela. Como era miúda cabia dentro até mesmo de uma caixa de fósforo. Apertou Alice contra o seu coração que batia acelerado:

— Tic, tac, tic, tac, tic, tac...

Dentro da lata de lixo ouvia o povo falar no meio da rua de uma menina de vestido sujo que tinha roubado a carteira de um bom velhinho. Procuravam por ela. Se encolheu mais ainda dentro da lata, por dentro parecia nem existir de tão pequenina que se tornou. Por fora ainda era uma menina de pernas e braços trêmulos. Depois

que a confusão terminou e esqueceram dela, já de madrugada saiu com cuidado de dentro da lata de lixo e viu um gatinho comendo restos de comida. A sua barriga começou a roncar de fome. Lembrou-se das suas cinco moedas. Lembrou-se do homem da padaria. Quis chorar, mas não podia, porque era uma menina forte e corajosa. Chorar não ia adiantar de nada. Aproveitou para comer um pouco da comida da marmita junto com o gato que nem ligou para ela, mas fez miau várias vezes ao ver que a menina comeu tudo e não deixou nada para ele.

Como queria voltar ao homem da padaria e contar-lhe tudo o que aconteceu, mas ela não sabia voltar ao lugar. Andava muito pelas ruas, pegava um transporte público aqui e outro acolá, não se dava conta por onde passava e não tinha orientação de nada. Passava por um mesmo lugar mais de dez vezes e também tinha lugares que nunca mais via. Caminhava à toa pelas ruas. Não era ela que traçava o seu caminho, mas as ruas longas e cheias de gente apressada e carrancuda. Não sabia para onde ir naquela noite. Sabia que estava longe da sua calçada e daqueles que se diziam a sua família. De repente, lembrou-se de Tom e olhou para o céu. Viu uma estrela cadente e pediu um local para dormir.

A menina andou a noite inteira e descobriu que aquela coisa de estrela cadente e pedidos era uma tolice. Tom já a tinha advertido. Estrelas cadentes simplesmente viajam pelo céu. Elas não atendem pedidos de ninguém. Se você quiser verdadeiramente algo terá que lutar muito por isso. Lá longe viu a calçada de uma loja de

eletrônicos onde dormiam várias pessoas. Ela não pensou duas vezes. Correu e deitou-se perto dos seus. Ali eram uma família pelo menos naquela noite. A gente é que faz a nossa família quando se mora nas ruas. A gente ganha pai, mãe e irmãos numa noite e na outra já ganha outros parentes. Eles mudam de hora em hora. Uma mulher que estava sem sono e parecia alcoolizada deu-lhe um cobertor.

— Logo o dia chega, menina!

— Eu sei! Eu sei! Só quero descansar um pouco!

— Pois descanse enquanto pode! Assim que amanhece eles passam com um carro jogando água na gente!

A menina sabia daquilo. Deitou-se e dormiu um pouco abraçada a sua boneca Alice. Sonhou brincando num carrossel e com um vestido bonito de cor branca, da cor da sua pele. Ao seu lado tinha um homem que sempre a mandava ter cuidado para não cair do cavalo e ela risonha dizia que estava feliz. Acordou e viu que o sol vinha surgindo e que todos já estavam em pé arrumando as suas coisas. Era hora de partir. Estava cansada. Estava feliz com o sonho que teve. Sorriu para todos e se foi sem dizer adeus para aquela que tinha sido a sua família por uma noite quente de verão. Nunca dizia adeus a quem amava, porque tinha medo de não mais ver aquelas pessoas que a acolhiam com amor. Em tempos de ódio poucas pessoas amavam crianças iguais a ela. Eram muito poucas as pessoas.

— Por que você anda apressada, menininha?

— Desculpe-me, senhora! Eu preciso chegar em algum lugar logo!
A menina esbarrou numa senhora de meia idade que vinha da feira com algumas sacolas nas mãos. A senhora usava óculos e calçava sandálias de couro. Olhou bastante para a menina como se quisesse encontrar algo nela. A menina assustada quis correr, mas a senhora segurou o seu braço com força.

— Espere, menina! Espere! Tenho algo para você!

A senhora tirou de uma das suas sacolas uma maçã vermelha bonita e entregou para a menina.

— Coma! Sei que está faminta!

— Muito obrigada! Agora preciso ir!

— Qual o seu nome, pequenina?

— Não tenho nome, senhora! Todo mundo me chama de menina!

— Você se parece muito com a minha netinha que morreu a semana passada. Tão pequena e já nas ruas. Sinto muito. Se pudesse levava você para morar comigo, mas já crio cento e três gatos e a minha casa não tem espaço para mais ninguém.

— Eu entendo! Até mais!

A menina se foi comendo a maçã que recebeu da boa senhora. Uma folha de jornal velha veio voando e colou no seu corpo. Ela pegou a folha de cabeça para baixo e começou a olhar para ela. Não entendia nada do que estava escrito ali, mas conheceu a foto do homem de gravata. Era o Tom! Sim! Era o Tom! O que ele fazia naquele jornal e com uma gravata? Ficou curiosa. Se tivesse pelo menos uma moeda para pagar alguém para ler o jornal... Andou um

pouco e pediu para um jovem rapaz de mochila nas costas ler a notícia onde Tom aparecia.

— Este é um palestrante! Ele estará hoje no hotel do centro da cidade. Aquele hotel luxuoso de janelas de vidro. Você sabe qual é?

— Não sei! Pode me ensinar onde fica? E o que faz um palestrante?

— Diz aqui que ele foi um morador de rua e venceu na vida. Acho que ele vai contar como foi isso. Agora pegue o seu jornal. Não tenho muito tempo. Daqui a pouco começam as minhas aulas.

O jovem devolveu o jornal para a menina e se foi. O Tom estava bonito na foto. Será que conseguiria falar com ele se fosse no hotel? Claro que sim! Afinal, ele era o seu grande e melhor amigo! Mas, não sabia nem onde ficava o hotel da palestra do Tom. Como faria para chegar nele? Mais na frente, encontrou um menino ajeitando os cadarços do seu tênis branquinho. Parou e perguntou para ele onde ficava aquele hotel do jornal. O menino disse que ela precisaria pegar o metrô, depois três ônibus e por último um trem. Era só descer numa estação chamada de Pirlampo. Logo veria o hotel enorme. Era só perguntar pelo hotel mais bonito da cidade que todos a ensinariam a chegar nele. E a menina se foi. Andando apressada para não se atrasar e perder a oportunidade de encontrar o seu amigo Tom.

A menina fez exatamente como o menino mandou. Pegou o metrô, depois os ônibus e por último um trem. Desceu na estação Pirlampo. Já passava das cinco da tarde. Andou, andou e andou.

Era um lugar esquisito. Só tinha mato e ninguém nas ruas. Também era escuro. Sentiu medo, mas não podia ter medo. Era preciso coragem. Quis voltar para a estação, mas foi pega por trás. A pessoa fechou a sua boca e ela não pôde gritar. Foi arrastada para um beco de lama, teve o seu vestido arrancado e foi estuprada violentamente por aquele homem que não deixou ser visto. Depois que a violentou o homem se foi deixando-a no chão sem forças para se levantar. Ela só viu a sua sombra desaparecendo na escuridão do beco iluminado pela lua. Acabou desmaiando de dor. Estava ensanguentada e doída.

Acordou no dia seguinte no meio do beco com a sua boneca Alice do lado. Teve vontade de chorar. Sentia dores. Estava ensanguentada. Procurou um rio para limpar o seu corpo dos restos daquele homem malvado que a violentou. O líquido dele estava no seu corpinho frágil. Ali não existiam rios nem gente nenhuma. Era um lugar abandonado. No fim de uma rua encontrou uma torneira e a abriu. Saiu água dela. Tomou um grande banho até limpar o seu vestido e parar de sangrar. Estava toda doída e não conseguiria ir muito longe. Ficou ali sentada. Não sentia mais medo. O pior já tinha acontecido. Lembrou-se de Tom. Àquela hora ele já devia estar longe. Fez a boneca chorar por ela durante vários minutos.

Passou o dia deitada naquela rua de muros altos e sem ninguém para socorrê-la. Procurou por latas de lixo, mas não achou. Disputou um rato com um gato. Saiu ganhando. Comeu o rato ainda vivo. Estava faminta. A fome faz a gente achar uma delícia tudo o

que encontra. Ela teve pena do ratinho, mas a sua fome era maior do que tudo. A noite chegou e procurou se esconder para não ser violentada mais uma vez. Deitou-se e fingiu-se de morta a noite inteira no meio da rua abandonada. Mas, não apareceu ninguém para mexer com ela. Se estivesse morta de verdade ninguém a encontraria ali.

O dia amanheceu e a menina com menos dores pegou a sua boneca e se foi. O menino lhe deu a informação errada. Ela estava num lugar abandonado e perigoso. Andava com cuidado. Ao longe viu um homem fazer xixi e fechou os olhos. Talvez fosse o mesmo que a violentou. Se pudesse ao menos jogar uma pedra nele. Sentiu forças para correr, porque o medo nos dá forças. Correu bastante. Chegou na estação Pirilampo novamente e pegou o trem para qualquer lugar que tivesse gente. O dia mal começava e ela já precisava lutar para sobreviver. Viver doía muito no coração da menina. A boneca só chorava. Ela também chorava por dentro. Um dia tudo aquilo passaria. Ela sabia. O Tom bem que a ensinou a rezar, mas ela esqueceu. Era meio tolinha para aprender as coisas. Só sabia falar com Deus qualquer coisa que vinha à cabecinha de borboleta. O trem a levou para longe. E era isso o que queria. Ir para longe daquele local. Para bem longe mesmo.



Capítulo III

Sem querer a menina foi parar no mar e encheu o seu coração de esperança por ver as ondas indo e vindo, aquelas águas azuis e caminhar na areia alvinha da praia. Viu muito lixo à beira-mar, pegou um saco de plástico e foi apanhando tudo do chão. Parecia que tinha passado um vendaval e largou tudo ali perto do mar. Era preciso limpar o seu mar, pois não o queria ver triste, cheio de lixo. Colocou a boneca deitada na areia e foi catando o lixo da praia um a um. Depois de juntar cinco sacolas de lixo, sentou-se ao lado da sua boneca e deu comida de mentirinha para ela, a ninou nos braços e a colocou para dormir cobrindo-a com algas do mar.

Ficar ali perto do mar fazia com que a menina esquecesse as suas dores e o sofrimento de viver sozinha no meio do mundo. Ela sabia que existiam muitas outras crianças que sofriam iguais a ela e aquilo a deixava mais triste ainda. Toda aquela gente que ela conhecia que vivia nas ruas sentia-se sozinha e estar sozinho no mundo é como não ter com quem contar nas horas que mais precisamos, é como não ter um ombro amigo onde chorar, é como sentir-se uma esquisita em meio a tanta gente bonita e sorridente que passava por ela. Diante do mar, a menina começou a se questionar:

— Quem sou eu? O que quero da vida? Qual a minha essência? De onde venho e para onde realmente vou depois de tudo isso aqui?

A menina gritou para o mar com toda a sua força depois de encher o peito de ar:

— Quem sou eu?

O mar calado nada respondeu. Era sempre assim. O mar não queria ser seu cúmplice naquela pergunta que a corrompia por dentro. Se ao menos soubesse quem era de verdade, de onde vinha e onde seria mais feliz... Na vida, só tinha aquela boneca de plástico que chorava quando ela queria e fechava os olhos quando estava deitada. Nada mais. O Tom desaparecera. Os outros ficavam todos para trás. Os outros como se existissem. Nunca teve ninguém na vida mesmo. Sempre foi única no mundo. E com o seu jeito esquisito de viver já estava ficando grandinha, pois viu a sua sombra na areia da praia e sorriu de si. Fazia tanto tempo que não sorria de si, talvez nunca tivesse sorrído. Não que não tivesse tempo, mas se achava uma menina tão sem graça. Uma menina feia e desdentada que assustava os cidadãos elegantes da cidade grande onde ela morava.

Colocou os sacos de lixo na calçada da praia. Com a boneca nas mãos saiu andando sem destino, como sempre. Pegou um transporte público, sentou-se ao lado de uma moça bonita de mais ou menos uns vinte anos. A moça ouvia música no seu aparelho celular. E nem percebeu a menina. Ela vestia uma camisa com uma flor vermelha desenhada. Pela primeira vez a menina quis ganhar uma flor para cuidar. Achava tão bonitos os jardins daquela cidade. Costumava conversar com os jardineiros. Eles eram boas pessoas e não tinham medo de meninas de rua. Até as ajudavam com o que podiam. Um deles deu, certo dia, para ela um pacote de biscoitos recheados de chocolate. Foi a primeira vez que comeu biscoitos de

chocolate. Via sempre nas vitrines das lojas aqueles bolos de chocolate, biscoitos e brigadeiros. Ficava com um gosto doce na boca e uma vontade enorme de comer aquelas guloseimas. O jardineiro que era um homem bonzinho para a menina prometera lhe dar um bolo de chocolate qualquer dia desses, mas ele sumiu do jardim e nunca mais a menina o viu. Era sempre assim com ela, quando alguém gostava do seu jeito desaparecia para sempre. Talvez aquilo a fizesse se sentir mais sozinha no mundo. Desceu do ônibus perto de um museu e foi andando pelas ruas no seu passinho vagaroso.

Cada rosto que a menina via olhava com cuidado em busca de reconhecer não sabia quem, pois não conhecia ninguém além do Tom, que desaparecera da sua vida, e isso você já sabe, não é mesmo, leitor querido? A menina faminta entrou num supermercado, pegou um carrinho de compras e, como se tivesse muito dinheiro, encheu o carrinho de comida que sempre desejou comer. Depois foi para o caixa e passou todas as compras, sempre seguida pelos olhares dos seguranças. Na hora de pagar a conta a menina disse que não tinha dinheiro, mas tinha fome, muita fome. A moça do caixa não teve um pingão de pena dela e chamou os seguranças rapidamente. A menina foi colocada para fora do supermercado, brutalmente. Quase caiu com o empurrão que o segurança lhe deu.

Ficou ali sentada à espera de não sei o quê. As pessoas passavam apressadas e quase pisavam nela. Parecia que era invisível aos

olhos alheios. Ninguém a via ou fingia não a ver. Era uma pobre menina de rua, com o vestido sujo, desdentada, descabelada, segurando uma boneca que chorava e não ocorria nada. Ser invisível é fácil quando se sente fome e é pobre demais. Ninguém vê a gente quando moramos nas ruas. Ela saiu caminhando pelos canteiros daquela longa avenida. Começou a cantarolar uma canção que nem sabia de onde vinha. Uma música que ela inventou assim do nada, do nada não, das suas vivências sofridas. Chegou perto de um sorveteiro e sentiu vontade de tomar um sorvete pela primeira vez.

— O senhor me dá uma bola de sorvete, moço?

— Eu não faço caridades, menina! Eu vendo sorvetes! Se quiser tomar sorvete tem que comprar!

— Mas eu não tenho dinheiro e além do mais estou morrendo de fome!

— Sorvete não enche bucho de ninguém! Vá procurar comer feijão com arroz!

— Aonde?

— Ah! Isso eu não sei! Na sua casa! Vá pra casa!

— Eu não tenho casa, moço!

— Toda menina que perambula pelas ruas diz isso, mas todas têm casa e família. Deixe de me importunar e vá embora logo!

A menina viu um menino comprar um sorvete e, sem pensar duas vezes, antes que aquele menino pegasse o sorvete de casquinha das mãos do sorveteiro ela esticou o braço, pegou o sorvete e saiu

correndo enquanto o chupava rapidamente. O homem do sorvete gritou pela polícia, o menino ficou chorando e a menina correndo como o vento, chupando o sorvete rapidamente para ele não se desmanchar. Fugiu mais uma vez da polícia. Estava toda suja de sorvete e feliz, pois tinha tomado um sorvete delicioso de cinco bolas. Cansada de tanto correr, entrou no meio de uma feira.

Passava pelas bancas de frutas e de carne olhando todas aquelas comidas com a barriga roncando. Viu quando um homem jogou vários tomates no chão e apressada perguntou para ele se podia pegá-los e comê-los.

— Você vai comer tomate podre?

— Estou com fome, senhor!

— Por mim pode pegar e comer quantos quiser. Mas acho que vai adoecer.

— Não! Eu nunca fico doente! Quer dizer, acho que já sou doente por vida e não sinto nada!

— Com esse bucho você deve estar cheia de verme, menina! Vá para casa e peça a sua mãe para levar você ao médico!

— O que tem o meu bucho?

A menina olhou para a sua barriga grande e inchada. O homem deu uma gargalhada e depois falou:

— Tadinha! Mais uma menina de rua faminta! Tome! Coma estes tomates que não estão podres!

O homem deu três tomates para a menina, que ficou toda contente. Ela os comeu sentada embaixo da banca dele. Para recompensar a

sua boa ação a menina o ajudou a guardar as verduras no fim da feira. Ele deu mais três tomates para ela, que ficou mais feliz ainda. Encontrara um homem bonzinho. Ficou ali parada olhando para ele no meio do tempo e o homem não entendeu nada:

— Por que me olha assim, menina?

— Por nada não! Por nada não!

A menina estava esperando o homem desaparecer como todas as pessoas que a ajudavam, mas nada aconteceu. O homem coçou a cabeça, suspendeu as calças e, curioso, olhou para a menina que continuava parada à sua frente:

— O que está esperando aí parada?

— Que o senhor desapareça, moço!

— Eu desaparecer? Como assim?

— Eu não sou mágico, menina! Vou para casa e não levo você comigo porque tenho dezessete filhos para cuidar. Não dou conta de tanto menino e menina me pedindo comida quando chego em casa. Vá embora que já está ficando tarde.

— O senhor não vai desaparecer?

— Eu não! Eu vou embora e nunca mais vou ver você assim, penso!

A menina fechou os olhos e de repente quando os abriu o homem já não estava mais ali. Tinha desaparecido como ela esperava. Era assim. Daquele jeito. As pessoas boas sempre ficavam pouco tempo perto dela. A feira estava acabando. A noite começava a cair em meio a uma lua cheia. Passou por duas mulheres que conversavam sobre um tal lobisomem que aparecia todas as sextas-

feiras de luas iguais a aquela. A menina ficou assustada. Que dia seria aquele? Nem imaginava. Foi andando e andando. Aproveitou o semáforo aberto para pedestres e atravessou a avenida movimentada. Nem sabia para onde estava indo. Sentia saudades de uma casa que nunca teve e queria ir para ela. Sentou-se na calçada de uma grande loja de roupas e ficou olhando para o céu. A noite foi caindo no meio do tempo e já era quase de madrugada quando a menina viu um homem de roupa rasgada, grandão, peludo e de dentes grandes se aproximar dela. Não teve medo, pois já tinha visto gente mais feia, mas o homem abriu bem a boca quando se aproximou dela como se a quisesse engolir e ela pegou a sua boneca e correu ladeira abaixo. Aquele era o tal lobisomem de que as mulheres falavam? Perguntou para si, mas como saberia, se teve medo dele e não o deixou falar o que queria?

Depois de correr muito e sentir-se cansada com o coração quase saindo pela boca viu um carro abandonado no meio de uma rua pouco movimentada e entrou dentro dele para descansar um pouco. Dentro do carro achou um saco de cimento vazio e cobriu o seu corpinho trêmulo de medo. Resolveu brincar de médica com a sua boneca Alice, e começou a examiná-la.

— Alice, acho que você está com vermes! Precisa tomar remédios! Olhe pra sua barriga! Que barrigão! Isso só pode ser vermes!

A menina dizia aquilo pensando no homem da feira que falou pra ela que estava com um barrigão de vermes. Talvez ele tivesse razão, pois nos últimos dias sentia dor de barriga e umas coisas se

mexendo dentro dela. Precisava de um médico, mas que médico daria ouvidos a uma menina de rua? E onde procurar por um médico naquela cidade enorme? Quem poderia dizer-lhe aquilo? Sem que esperasse ouviu um “eu te amo” que veio de algum lugar ali perto. Ouviu novamente e novamente. Não tinha ninguém por perto. Só ela e Alice dentro daquele carro velho abandonado no meio de uma rua escura e de casas humildes.

— Quem está falando?

— Sou eu!

— Eu quem?

— O seu eu interior!

— Quem????!!!!

— O seu eu interior! Olhe para dentro de você e verá!

— Como eu posso me ver por dentro?

— Isso eu não sei explicar! Só você vai saber como se olhar por dentro, menina. Você precisa se conhecer mais.

— Como faço para me conhecer mais?

— É preciso se conhecer, menina!

— Eu não estou entendendo nada, meu eu interior! De onde você vem?

— De dentro de você, menina! Não é você que vive se perguntando quem sou eu? Pois estou aqui para lhe responder.

— Sim, quem sou eu? Quero saber!

— Olhe para dentro de você e descobrirá!

— Eu não sei fazer isso!

— Procure descobrir! É fácil!

— Me ajude!

— Eu não sei o que fazer, menina!

— Estou com sono! Preciso dormir! Amanhã eu descubro como entrar dentro de mim.

A menina acabou adormecendo abraçada a sua boneca Alice. Dormia tranquila dentro daquele velho carro quando ouviu uma sirene passar perto dela. Despertou assustada. Ficou quieta. Teve medo de ser a polícia. Não fizera nada errado, mas o Tom costumava lhe dizer que era preciso tomar cuidado com a polícia quando andasse sozinha pelas ruas. Não era a polícia, mas o carro de bombeiros. Uma casa ali naquela rua pegava fogo e uma velhinha estava presa dentro dela. A menina ouviu as pessoas falarem preocupadas. Não conseguiu mais dormir. Saiu de dentro do carro com a boneca Alice nas mãos e foi embora daquele local. Não ficou para saber notícias da velhinha, mas torceu para que ela fosse salva. Começou a chover e a menina foi para debaixo de uma árvore.

— Puxa, Alice, vamos nos molhar todas! Para onde podemos ir agora? A chuva está ficando forte! Onde está o meu eu interior que nessas horas não aparece para me ajudar?

A boneca mexeu-se nas mãos da menina e ela sentiu aquilo. Pegou a boneca e ficou olhando para ela. Estava parada. Só abriu os olhos por ficar de pé como sempre acontecia. Era coisa da sua cabeça achar que a boneca tinha se mexido. Precisava buscar um lugar para

se proteger da chuva forte. Correu para perto de uma escola que estava com o portão aberto. Entrou e sentou-se numa das carteiras de uma sala de aula.

— Olhe, Alice, onde nós viemos parar! Numa escola!

As duas brincaram de escolinha enquanto a madrugada passava e o dia vinha raiando. A menina sabia que não podia ficar muito tempo ali, pois logo apareceria alguém e a colocaria para fora como sempre acontecia. Então, depois de desenhar uma casa no quadro-negro, ela pegou a boneca Alice e perguntou:

— Pronto? Já tirou o desenho do quadro? Vou fazer a chamada! Preste atenção!

A menina conversava com a sua boneca como se ela fosse a sua aluna. Logo depois a chuva passou e elas puderam ir embora da escola. Foram caminhando e pegaram o trem. Andaram muito tempo no trem. Até se cansarem. No vagão quase vazio, uma menina sentada perto dela segurava uma bonita boneca falante. Só de pirraça colocou Alice no seu colo. Também era uma boneca chique.



Capítulo IV

Uma pessoa, que eu não sei quem, porque o autor nem de tudo deve saber para não ficar preocupado com a personagem, ensinou à menina os pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste. Assim, ela poderia se orientar e saber por onde andou e para onde ir. Ficou toda feliz ao descobrir aquilo e até ganhou uma bússola dessa pessoa. E foi andando para o norte, depois para o sul e decidiu, finalmente, ir para o leste, pois assim pediu o seu coração e é bom a gente ouvir a voz do coração. Por falar em voz, a sua voz interior nunca mais voltou a falar com ela. Que estranho!

A menina foi passando por uma fila de crianças num prédio branco onde tinham pessoas também vestidas de branco. Ficou curiosa para saber o que estava acontecendo ali. Sempre foi uma menina muito curiosa e queria saber das coisas com detalhes, gostava de perguntar e quando não lhe respondiam direito ou com monossílabos ela tornava a perguntar até se contentar, mas gente grande não gosta muito de responder pergunta de criança, ainda mais criança de rua, que eles acham não saber de nada. Uma mulher de branco se aproximou da menina toda sorridente, foi a primeira vez que alguém sorriu para ela com o coração, pôde sentir aquilo e ficou contente por aquele cuidado.

— Você já se vacinou, querida?

— Vacina? O que é isso?

— A vacina vai lhe proteger contra doenças. É muito importante se vacinar para não ficar doente nunca.

— Que legal! E como eu faço para me vacinar?

— Só estirar o bracinho que eu vacino você!

— Só isso? E não dói, moça?

— Nunca dói! Você não vai sentir nada!

A menina estirou bem o bracinho magro e a enfermeira aplicou a vacina nele, depois colocou um curativo pequenino. Toda feliz com aquele gesto de cuidado da enfermeira, a menina pela primeira vez teve vontade de beijar alguém, mas ficou tímida e foi embora com o beijo guardado para quando encontrasse outra pessoa igual aquela na sua vida doída e sofrida. Agora que estava protegida das doenças não precisaria se preocupar com a chuva, com o frio da noite, com a água quente, em andar descalça ou comer porcarias. Nada mais a deixaria doente, confiava na enfermeira e nas suas palavras.

Foi andando com o braço estirado para a frente. Queria que todo mundo visse que ela foi vacinada, mas as pessoas nem davam importância para ela. Foi bom escolher ir para o leste, pensou a menina. Agora iria para o sul, quem sabe encontraria o Tom. Preferiu andar a pé naquela manhã de domingo e, depois de muito andar com os seus sapatos grandes que sempre a faziam tropeçar nas pedras do meio do caminho, encontrou uma igreja cheia de gente com um cachorro nos degraus. Se tinha um cachorro vira-lata na igreja, ela pensou que ninguém se incomodaria que ela entrasse para ver o que estava acontecendo lá dentro. E entrou abraçada a sua boneca Alice. O padre rezava uma oração que o Tom já tinha ensinado para ela.

— Pai Nosso, que estais no céu...

Aquela oração a menina já conhecia. Estava no meio de uma missa e precisava fazer silêncio, disse uma pessoa depois de ouvi-la assobiar uma canção que inventara. Sempre fazia aquilo quando estava em lugares que não sabia como se comportar. Então, ficou quietinha e esperou a missa terminar. Todos foram embora. Ela ficou sentada no largo banco de madeira olhando para o homem na cruz. Quem seria aquele homem? Ficou curiosa e foi tentar tirá-lo de lá, pois devia estar sentindo muitas dores com aqueles pregos nos pés e nas mãos, e parecia vivo ainda, pois seus olhos estavam abertos. A menina bem que puxou o homem da cruz, puxou mais uma vez e, de repente, quando menos esperava, uma mulher apareceu e gritou:

— Uma trombadinha querendo roubar o nosso Jesus! Peguem ela! A menina, assustada, ficou encostada na parede da igreja, agachada e escondendo o rosto. Daquela vez não tinha como escapar. Seria presa pela polícia. O Tom bem que lhe avisou para não mexer nas coisas alheias se não quisesse arranjar confusão. E que também nunca entrasse em lugares estranhos. Um homem vestindo uma bata apareceu preocupado:

— O que está havendo aqui, dona Luzimar?

— A trombadinha, padre! Ela queria roubar o nosso Jesus Cristo! Estava mexendo na cruz!

— A trombadinha por acaso é aquela menina assustada no canto da parede, dona Luzimar?

— Se fingindo de garota boazinha, padre. Sim, é ela! Vamos chamar a polícia!

— Não agora! Quero conversar com ela antes!

O padre se aproximou da menina e acariciou os seus longos cabelos castanhos. Ela ficou mais assustada ainda e começou a chorar para fora. Chorou bem muito. Chorou até molhar os sapatos do padre. Chorou toda a água do seu oceano. Chorou tanto por uma questão de segundos que secou o seu mar.

— Calma, menininha! Eu sou o padre Mário desta igreja. Por que estava mexendo na cruz de Jesus Cristo?

A menina contou tudo para o padre Mário que achou linda a sua história inocente e bobinha. Ela não conhecia Jesus Cristo. Não sabia que aquilo era uma estátua e que Jesus estava morto. Teve compaixão dele e quis salvá-lo da morte. O padre ficou emocionado e sentiu o seu coração se apequenar diante daquela menina de rua assustada com tudo.

— Bonito o seu gesto, menininha! Todos devemos querer salvar as pessoas que sofrem, mas Jesus Cristo foi crucificado há alguns séculos e vive agora no céu.

— Quem foi Jesus Cristo, padre?

O padre sentou-se no banco da igreja e convidou a menina para sentar-se ao seu lado. Com a voz doce e um olhar meigo ele começou a contar a história de Jesus Cristo para ela e, ao final de tudo, a menina extasiada com a história triste e bonita de Jesus parecia dormir no colo do padre. A menina dormia profundamente

que até roncava, um ronco alto de assustar quem estivesse por perto, parecia até uma onça, riu o padre pensando naquilo. O padre a levou para a sacristia e a deitou em uma cama de solteiro onde ele descansava quando ficava muito tempo na igreja. A menina dormiu por três dias e três noites. Todos estavam preocupados com o seu sono profundo. Talvez ela estivesse muito cansada. Quando acordou viu os olhos da mulher chamada de Luzimar olhando bem para ela e tomou um susto:

— Uiiiiiiiiiiiiiiii!!! Onde estou?

— Vou chamar o padre, sua pestinha. Por sua causa vou pagar penitência.

— O que é penitência?

— O que é isso? O que é aquilo? Se faz de bobinha para pegar o besta! Pensa que me enrola, não é mesmo? Crianças iguais a você aparecem aqui todos os dias. O padre não é bobo, viu? Ele logo vai descobrir os seus planos.

O padre entrou na sala todo sorridente e olhou carinhosamente para a menina que lhe retribuiu o sorriso:

— Padre? Parece que dormi muito.

— Pegue! Você deixou cair do bolso do seu vestido a sua bússola.

— Onde está a minha boneca, padre?

— Aqui! Eu a limpei para você! Estava muito suja!

— Muito obrigada, padre. Mas eu preciso ir.

— Não vai sem antes comer alguma coisa. Você dormiu muito, menininha.

— Foi mesmo? Quanto tempo?

— Um bocado de tempo.

— Eu nunca tinha dormido numa cama, padre. É tão bom dormir numa cama quentinha e com lençóis limpos!

— Qual o seu nome, menininha? De onde você vem?

— Eu não tenho nome, padre. Todo mundo me chama de menina. Eu venho do leste. Devo ir para o norte agora. Eu vivo perambulando pelas ruas. Não tenho ninguém por mim, padre. Sou sozinha no mundo. O senhor já viu uma pessoa sozinha?

— Puxa! A sua história é triste! Eu vou batizar você com o nome de Maria! O que acha?

— Maria? Eu vou me chamar Maria. Acho um nome bonito pra mim. Maria era a mãe de Jesus, não é mesmo?

— Isso mesmo! Maria é a mãe de Jesus Cristo. Você pode acrescentar algo mais no seu nome se quiser.

A menina pensou, pensou e pensou. E de repente lhe veio uma ideia brilhante à cabeça:

— Padre, o senhor pode me batizar como Maria do Mar?

— Posso, sim! É um bonito nome!

— Eu gosto do mar! Sempre que posso vou conversar com ele. Somos amigos há muitos anos. Ele me traz coisas que eu nunca vi antes e leva a minha tristeza embora todos os dias.

— Vamos, Maria! Não tenho muito tempo! Em breve vou visitar uma pessoa que está acamada e doente precisando de mim!

O padre colocou água na cabeça da menina, disse umas palavras que ela não compreendeu e depois ela rezou junto com ele o Pai Nosso. Estava batizada. Agora para Deus se chamaria Maria do Mar. A sua madrinha foi a beata Luzimar, mesmo a contragosto, e o padrinho foi o rapaz que cuidava dos serviços de limpeza da igreja.

— A partir de hoje você se chama Maria do Mar!

— Que legal, padre! Eu posso vir à igreja sempre que quiser?

— Pode, sim! Será muito bom ter você aqui!

— E eu vou poder comer desse negócio que todo mundo come na sua missa?

— O corpo de Cristo?

— Não, padre! Deus me livre de comer o corpo de Cristo! Esse negócio branco que é meio redondo e todo mundo parece gostar dele, pois fizeram uma fila enorme.

— Poderá comungar depois que fizer a primeira comunhão. Isso é outra história. Volte mais vezes aqui. Agora preciso ir. Se quiser pode almoçar com Luzimar.

— Eu posso almoçar aqui?

A menina olhou para a beata Luzimar que fez uma cara mais feia do que a do Lobo Mau para ela e preferiu dizer que também precisava partir:

— Por que tem tanta pressa de ir embora, Maria?

— Não é pressa, padre. É vontade de chegar em algum lugar que não sei onde.

— Estranho! Almoce com Luzimar! Faça companhia para ela! E pode vir à igreja sempre que quiser.

— Posso vir comer aqui também?

— Sim! Dividirei a nossa comida com você.

A menina ficou feliz ao ouvir aquelas palavras do padre. Olhou bem para a bússola para saber em que região estava e não esquecer o local. O padre se foi, deixando-a sozinha com a beata Luzimar, que parecia uma mulher má.

— Se ficar para almoçar comigo colocarei veneno na sua comida!

— Eu não vou ficar! Eu vou embora, dona Luzimar!

— É bom mesmo que vá e não volte nunca mais aqui!

— Por que a senhora tem tanta raiva de mim?

— Porque você é uma menina dissimulada igual as outras meninas de rua que chegam aqui e mentem para o padre. Você ia roubar o nosso Jesus Cristo. Confesse!

A mulher agarrou a menina apertando os seus bracinhos finos e gritando para ela confessar um crime que não tinha feito e nem ousaria fazer depois de ter ouvido a história de Jesus Cristo do padre.

— Não! Eu não ia roubar nada! Eu só queria salvar Jesus!

— Trombadinha! Mentirosa! Todas iguais! Deve se prostituir por aí à noite e de dia dá uma de santinha.

— Não, dona Luzimar! Eu não sei do que a senhora está falando! Solte o meu braço que está doendo!

A mulher empurrou a menina contra um banco de madeira e ela bateu a cabeça nele, chegando a cortá-la. O sangue começou a descer e a menina soltou uma leseira estranha, coisa que nunca sentiu antes.

— Ai, acho que vou morrer! Preciso de ajuda!

— Vá embora, sua trombadinha! E não volte mais aqui, senão mato você de verdade!

Dona Luzimar pegou a menina pelo braço e a jogou para fora da igreja. Ela caiu no chão com a cabeça sangrando. Todos os que passavam na rua queriam ajudar dona Luzimar e saber o que aquela menina tinha feito com ela.

— Estava tentando roubar o crucifixo da igreja!

— Vamos chamar a polícia!

— Não é preciso, pessoal! O padre já resolveu!

— O padre é muito bonzinho, dona Luzimar! O que ele fez?

— Realmente ele perdoou a trombadinha, mas eu já dei uma lição nela.

A menina levantou-se do chão, agarrou a sua boneca e correu para bem longe dali. Enquanto dona Luzimar fosse viva ela não voltaria naquela igreja. Tadinho do padre Mário ter que conviver com uma mulher tão malvada. Era sempre assim a luta do bem contra o mal, mas ela sabia que o padre acabaria vencendo, pois conforme o Tom lhe ensinou o bem sempre vence o mal. Precisava dar um jeito naquele corte na cabeça e resolveu procurar a enfermeira que lhe vacinou. Andou, andou e andou. Andou muito com a cabeça

sangrando, mas se perdeu mesmo com a bússola. Era uma menina tolinha e não entendia de localização. Nunca mais acharia ninguém bom na sua vida. Encostou-se numa árvore e ficou de cócoras abraçada a sua boneca enquanto o sangue da cabeça rolava pela sua testa. Ficou assim durante um bom tempo, depois andou, andou e andou. O sangue parou. Estava toda suja. Logo encontrou o mar e contou tudo para ele, que, como resposta, lhe deu um belo banho. A menina ria com o mar a levando pra dentro e pra fora nas suas ondas fortes. O mar era legal com ela. De frente para o mar começou a conversar com a sua boneca.

— Alice, você sabe que sou inocente, não é mesmo? Aquela Luzimar é uma mulher malvada. Eu não ia roubar o crucifixo! Eu só queria salvar Jesus daquele sofrimento! Ah, Alice, se eu pudesse morar naquela igreja com o padre Mário! Ah, como a vida dói dentro de mim!

A menina fez com que Alice abrisse e fechasse os olhos e depois a fez chorar bem muito. Era o seu choro. Alice sabia quando ela sentia vontade de chorar e não o fazia para não ser chamada de fraca e covarde pelo seu eu interior que nunca mais tinha aparecido para lhe perturbar e a deixar assustada. Bem que ele podia aparecer agora e lhe dar uns conselhos. Não sabia o que fazer. Pela primeira vez na vida sentiu medo de verdade. Aquela coisa estranha que faz o corpo tremer, o coração acelerar e uma vontade enorme de fugir.



Capítulo V

Andou, andou e andou como sempre fazia. Talvez para esquecer dos últimos acontecimentos, para esquecer de si e das pessoas que conhecera um dia. Era preciso andar, dizia Tom. Só conhece bem o mundo quem anda muito. A menina estava cansando daquela vida de andadeira. Queria parar. Sim, queria ficar parada um século no mesmo lugar. Quanto seria um século? Achava aquela palavra tão bonita. Ela veio voando de um lar de velhinhos por onde passou certo dia no meio da cidade grande.

Olhou ao seu redor e viu muitas lojas cheias de gente. Parece que havia uma liquidação nas vendas, pois as pessoas saíam delas com as mãos cheias de sacolas. A menina não entendia bem de liquidações, mas alguém passara por ela dizendo que a liquidação estava muito boa. Se soubesse escrever anotaria aquelas palavras bonitas que ouvia alguém dizer ou que o vento a trazia. Se tivesse uma moeda compraria algo para a sua boneca Alice. Nunca deu um presente para ela. Nunca deu um presente para si própria. Ficou ali pensando em presentes quando uma mulher com um carrinho de mão cheio de flores passou por ela quase a derrubando.

— Desculpe-me, menina! Machuquei você?

— Não! Não! Se tivesse machucado só com o pedido de desculpas já teria passado, moça.

— Que linda é você! Qual o seu nome?

— Maria do Mar! Foi assim que o padre disse que eu ia me chamar!

— Tome uma flor para você! E não fique no meio das ruas para não ser atropelada por pessoas iguais a mim.

A mulher entregou um girassol amarelo para a menina e seguiu o seu caminho. Era a primeira vez que ela recebia uma flor. O girassol era grande e parecia sorrir para a menina. Estava num vaso pesado. Ela teria que o carregar pra cima e pra baixo. E a boneca? Como carregaria? Ou o vaso do girassol ou a boneca? Era uma escolha difícil. Sempre fazer escolhas foi difícil em sua vida. Ficou ali feito planta em pé no meio do tempo enquanto as pessoas passavam com as suas sacolas. Deu seu jeito. Nem sei o que ela fez, só sei que carregou o vaso com a boneca nos braços até chegar no mar e ver o cair da noite.

— Nossa! Estou cansada, Alice! Você está pesando muito nos últimos dias! Anda comendo muita melancia! Vai ter que fazer dieta! O que eu faço com esse girassol, seu mar?

As ondas do mar vieram e voltaram. O mar bem que quis lhe dar uma resposta, mas ela não entendeu. Ficou ali pensando. Queria ouvir a sua voz interior e ela veio muito fortemente.

— Maria do Mar, olhe para você. Está precisando de sapatos e um vestido novo. Venda o girassol. Às vezes é preciso nos desfazer de algo que não nos tem serventia para comprarmos algo que faremos muito uso. Venda para alguém que esteja precisando. Volte-se para dentro de você e verá que há a necessidade de vendê-lo não porque quer, mas porque precisa.

Então, a menina correu para a rua das lojas em liquidação e saiu gritando:

— Olha o girassol! Vendo um girassol! Quem quer comprar um girassol baratinho?

As pessoas passavam por ela e nem ligavam para a sua gritaria. Estavam ocupadas com as suas compras. Parece que havia mais coisas importantes para se comprar do que um girassol. Finalmente, para que serve um girassol? Talvez para ela que nunca recebeu um presente servisse para curar a alma das dores da vida, mas para as outras pessoas talvez elas nem tivessem alma. Tem gente que é oca por dentro, disse uma vez o Tom.

— Olha o girassol! Quem quer comprar um girassol? Bonito e grande!

— Eu quero comprar o girassol pra minha mulher! Por quanto você está vendendo?

De repente, apareceu um senhor de mais ou menos cinquenta anos, meio careca e com um casaco de frio.

— Eu não sei o preço, moço!

— Como assim não sabe o preço? Está vendendo algo sem preço, menininha?

O homem começou a rir e viu que ela era meio bobinha. Qualquer um poderia se aproveitar daquela menina. Ele podia oferecer quanto quisesse que ela aceitaria, mas não faria aquilo. Era um homem virtuoso e não enganava crianças. Tinha muito respeito por gente daquele tamanho e inocente igual a ela.

— Eu lhe dou um vestido novo de presente em troca do girassol! O seu já está bem velhinho!

— Um vestido novo? Quero mais!

— Bem espertinha você! O seu girassol só vale um vestido! O que quer mais mesmo assim?

— Um vestido e um par de sapatos!

— Estamos em liquidação, menininha. Tudo está sendo vendido pela metade do preço. Não tenho dinheiro para comprar sapatos.

— Então não vendo o meu girassol para o senhor!

— Ora, ora! Deixe de gracinha e venha comigo. Comprarei o vestido mais bonito para você!

— Eu também preciso de sapatos, senhor!

O homem sorriu e olhou para os pés da menina. Os seus sapatos velhos eram bem maiores do que os seus pés. Sim, ela realmente precisava de um par de sapatos. Só que ele não tinha dinheiro para comprar os sapatos. Pensou numa solução qualquer. Olhou para os lados e viu uma loja de sapatos com uma liquidação de oitenta por cento. Talvez ali pudesse comprar um par de sapatos baratinho para a menina.

— Vamos comprar o seu vestido! Se sobrar dinheiro compro os seus sapatos também!

A menina e o homem entraram numa loja de vestidos para crianças e ela escolheu o mais bonito de todos. Era um vestido de cor vermelha com flores amarelas na saia e borboletas azuis voando na frente. Tinha uma gola bonita e mangas grandes.

— Que tal este, senhor? Eu gostei deste!

— Está muito bonito em você, realmente. Você é uma menina bonita!

— Obrigada! Nunca ninguém me disse isso!

— Pois se ache uma menina bonita! Basta só pentear esse cabelo e cuidar dos dentes. Eu vou comprar o vestido para você.

O homem comprou o vestido e a menina já saiu da loja com ele. Depois ele a levou na loja de sapatos. Entraram e ela calçou mais de cem pares de sapatos para que viesse a gostar de um. O homem já estava cansado junto com o vendedor.

— Nenhum me agradou, moço!

— Você já calçou cento e vinte pares de sapatos! E não gostou de nenhum, menininha?

— Meu nome é Maria do Mar! Não, eu não gostei de nenhum sapato!

— E o que fazemos agora?

A menina olhou ao seu redor e viu uma menina com um par de sapatos que brilhavam quando ela pisava no chão. Achou aquilo lindo e ficou louca por um daqueles.

— Quero sapatos iguais aos daquela menina! Sapatos que acendam uma luz quando eu pisar no chão!

— São caros, Maria do Mar! Eu não posso pagar por eles!

— Então devolva o meu girassol!

— Então devolva o meu vestido!

— Não posso devolver o vestido! Não vou ficar nua na frente das pessoas!

— E você quer que eu faça o quê?

— Quero que compre um par de sapatos iguais aos daquela menina para mim!

— Eu não tenho dinheiro! Só sobrou três moedinhas!

O vendedor preocupado com aquela situação disse que fazia um preço menor pelos sapatos que acendiam uma luz, só que eles já tinham acabado todos. Não tinha mais sapatos iguais àqueles na loja. Só com quinze dias chegariam mais e a liquidação já teria terminado e eles voltariam ao preço normal.

— Eu acho que você está escolhendo demais! Quando a gente está fazendo um negócio tem que abrir mão de certas coisas, Maria do Mar!

— O senhor pensa assim de mim?

— Penso que você não sabe fazer negócios.

Então, Maria do Mar mexeu nos centos e poucos pares de sapatos à sua frente e escolheu um par de sapatos pretos de couro. Eram bonitos, mas não piscavam iguais aos que queria. O homem ficou feliz e se despediu dela imediatamente, levando o girassol nos braços. Lá estava ela com um vestido e um par de sapatos novos. Alice, a sua boneca, a olhava toda feliz. Pela primeira vez voltou-se para dentro de si e encontrou o seu eu interior.

— Veja, Maria do Mar, como você está bonita! Está parecendo uma menina rica! Esses seus grandes olhos verdes estão brilhando muito! Você é uma menina bonita e cheia de encantos. A sua vida não é tão ruim assim. Você tem uma boneca e um grande amigo

que preciso encontrá-lo nesse mundão de Deus. As coisas vão melhorar amanhã. O hoje passa logo. O amanhã sempre vem. Você é uma menina com um grande coração e tem vontade de vencer os desafios da sua vida. Um dia, você vai ser mais feliz. Viva um dia por vez. Basta o hoje, o momento, o presente. Depois você se preocupa com o resto.

O seu eu interior parou de falar mesmo na hora em que um transporte público passou por ela buzinando pra tudo quanto era lado. Parecia que o motorista estava maluco. Foi andando pelas ruas e viu um campinho de futebol onde vários meninos jogavam futebol. Ela nunca entendeu bem aquele jogo que todo mundo corria atrás de uma bola. Ficou ali olhando os meninos gritarem, correrem, chutarem a bola pra lá e pra cá. Teve vontade de pegar a bola e fazer um gol só pra si. Sim, seria um gol pra dizer que ela era campeã na vida. A menina invadiu o campinho, pegou a bola e saiu correndo com ela em direção ao gol. Os meninos ficaram revoltados porque ela parou uma jogada muito legal e foram atrás dela.

— Ei, moleca! Quem mandou pegar a bola do jogo?

— Eu só quero fazer um gol! Devolvo já para vocês!

— Devolva logo ou se arrependerá do que fez!

Um menino grandão e com cara de mau se aproximou dela e tomou a bola das suas mãos:

— Meninas não brincam de bola! Vá procurar a sua turma!

— Meninas brincam do que quiserem, seu chato!

— Chata é você! Me respeite, sua moleca!

— Você quem começou! Eu só quero fazer um gol!

Os meninos a rodearam e começaram a bater nela com força. Cada um deu um chute ou um soco na barriga e no rosto da menina. Ela caída ao chão tentava se proteger. Viram que ela se abraçava à boneca de plástico e a retiraram dos seus braços. Bateram na menina até ela não aguentar mais e pedir para que parassem.

— Ainda vai querer brincar de bola?

— Não! Nunca mais brinco de bola!

— Isso mesmo! É assim que se diz! Jogo de bola é coisa de macho! Você não passa de uma menina desdentada!

Os meninos saíram rindo enquanto a noite caía. A menina ficou ali deitada no chão sentindo muitas dores na barriga e no rosto. Levou muitos chutes e socos. Quando se lembrou da sua boneca Alice, procurou por ela, mas não a encontrou. Começou a chorar. Levaram Alice embora. Como eram maus aqueles meninos! E agora o que faria sem a sua boneca? Como viveria sem Alice? Como é viver sem quem amamos? Como é viver quando nos levam embora aquilo que mais amamos na vida? A menina tentou se colocar em pé, mas estava muito dolorida. O seu vestido vermelho estava todo sujo. Os seus sapatos estavam jogados ao seu redor. Ela pegou um a um e os calçou. Depois levantou-se aos poucos. A sua bússola estava no chão e ela a pegou. As estrelas já apareciam no céu e era noite de lua cheia. Talvez o Lobisomem aparecesse se aquela fosse uma sexta-feira. Não sabia qual era o dia da semana.

Foi andando devagarzinho pelas ruas da cidade. Era um bairro pobre, pois não tinha muitos veículos e as casas eram simples. Não havia prédios e nem shopping centers. A menina não sabia como tinha chegado ali.

Faminta, decidiu pedir comida de casa em casa. Nas três que bateu palmas ninguém respondeu nada, na quarta casa soltaram um cachorro para pegá-la e ela correu. Estava quase desistindo quando chegou numa casa de cor rosa e com uma bonita árvore. Tinha um homem sentado de frente a ela escrevendo num caderno:

— Moço, me dê um pão pelo amor de Deus.

— Menina, pedindo esmolas a uma hora dessas. Você não tem casa?

— Não! Eu não tenho nada!

— Como não tem nada? Todo mundo tem algo nessa vida! Veja, eu tenho a minha poesia!

— O que é uma poesia?

— Eu sou um poeta e escrevo poemas. Poesia é a arte de escrever poemas. Você me deu inspiração para escrever um poema!

— Como inspiração? Eu não lhe dei nada porque não tenho nada para dar a alguém, moço!

O poeta rabiscou uns versos pra lá e pra cá. Depois leu o que escreveu e não gostou. Amassou a folha e a engoliu. A menina achou estranho aquilo, mas não disse nada. Ele começou a escrever novamente e quando terminou leu em voz alta para ela o pequeno poema que dizia:

— Era uma tarde tristonha / Uma menina bonita / A me pedir um pão / Como quem não sonha / Parece esquecida da vida / Tocou meu coração.

— Que palavras bonitas, moço! Essa menina sou eu?

— É você, sim! Vou buscar o seu pão! Espere um minuto! Pode ficar com o poema!

O poeta lhe entregou a folha de papel e entrou em casa. Voltou com um saco de papel cheio de pãezinhos e um copo de leite para a menina:

— Por hoje você tem comida. Amanhã você encontrará um outro poeta.

— Como sabe disso?

— Esse bairro é cheio de poetas. Se ficar por aqui encontrará muitos iguais a mim.

— Eu não posso parar de andar. A gente nunca deve ficar parado num canto só, moço.

— Um dia vai ter que parar quando encontrar o que procurar. O que você procura?

— Eu não sei! Acho que procurava ser feliz, depois por um amigo, e agora procuro pela minha boneca!

— Para quem não sabe o que procura já é muita coisa!

— Tente procurar as três coisas juntas!

A menina partiu para mais uma noite sozinha. Disse adeus ao poeta.



Capítulo VI

A menina estava tão acostumada a abraçar a sua boneca Alice que pegou uma folha de cajueiro e abraçou contra o seu corpinho magro. Saiu andando por aquele bairro feio. As ruas eram sujas e havia lixo em terrenos baldios. As crianças brincavam dentro de casa e podia-se ouvir a gritaria delas. A menina procurava sua boneca por todos os cantos que passava. Já era tarde da noite quando encontrou um homem com um saco nas costas também caminhando pelas ruas.

— O que faz na rua uma hora dessas, menina?

— Não tenho para onde ir! Não tenho casa! Quem é o senhor?

— Eu sou o homem do saco e você devia ter muito medo de mim!

— Eu não tenho mais medo de nada, senhor! Já vivi tanta coisa na minha vida que perdi o medo e o sentido delas!

— Nossa! Que esquisita você! Toda criança tem medo de mim!

— Por que eu deveria ter medo do senhor? Parece um homem bonzinho com essa barba grande e esses dentes enormes!

— Por isso mesmo! Meus dentes são grandes e adoram comer carne de criancinhas!

— Que bobagem! Quem me comer vai sofrer uma indigestão! Eu não sirvo para nada! Nada mesmo! Sou uma coisa qualquer no mundo! Ninguém liga para mim!

— Você tem fígado?

— O que é isso? O que é um fígado?

— Eu pego criancinhas para comer os seus fígados! E vou comer o seu!

— Ah, ah, ah, ah... que tolice! Até parece que vai comer o meu fígado! O que traz dentro desse saco, senhor? Por acaso viu uma boneca de plástico por aí?

— Vou pegar você agora! Entre no meu saco!

— Adeus, senhor! Vá fazer medo a outra criança! Eu já tenho muito com o que me preocupar! Velhinhos iguais ao senhor não fazem mais medo a ninguém.

O velhinho, vendo que a menina não estava nem aí para ele, decidiu deixá-la ir embora sem perturbá-la, pois, ela não teve um pingão de medo de ele comer o seu fígado. Era uma menina tola e diferente das demais que corriam com medo dele.

A menina chegou à beira de um rio e deitou-se em cima de um pedaço de madeira. Ali mesmo adormeceu. Acordou de manhã cedo com uma cabra comendo o seu vestido. Tomou um susto. Deu um pulo do chão. Ficou de pé e a cabra continuou comendo o seu vestido. A menina tristonha por ver o seu vestido comido pela cabra correu para bem longe, mas a cabra correu atrás dela. Quanto mais corria mais a cabra corria atrás dela. Era um pegue não pega. A menina subiu em cima de uma árvore e a cabra foi embora. Um homenzinho apareceu e mandou que ela descresse da sua árvore que ali não era lugar de pestinha se esconder.

— Eu só estava fugindo da cabra, senhor!

— Toda criança igual a você vive fugindo de alguma coisa! Vocês vivem fazendo arte!

— Eu não fiz nada! A cabra quem comeu o meu vestido! Veja!

O homenzinho olhou para o vestido da menina que estava todo mastigado e começou a rir.

— Bem-feito! Foi mexer com a cabra! Garanto que se estivesse em casa isso não teria acontecido!

— Eu não tenho casa, senhor!

— Como não tem casa? Toda criança tem casa e família!

— Eu nem tenho casa e nem família!

— Você deve ser muito danadinha para ter sido abandonada pelos pais! Vá embora daqui! E não volte mais!

A menina saiu andando cabisbaixa. Era triste a sua vida, sabia daquilo, mas não entendia a facilidade que as pessoas tinham de mandá-la embora. Parece que a sua presença as irritava. Estava andando pelas ruas quando voltou para o rio e viu um vestido bonito estendido na grama. Teve vontade de roubá-lo. Era a primeira vez que sentia vontade de roubar e ficou vermelha de vergonha. O Tom disse para ela nunca roubar nada mesmo que estivesse morrendo de fome. Roubar era uma coisa muito feia e que Deus não gostava, mas o Tom às vezes dizia umas coisas que nem ele mesmo cumpria e acabava fazendo escondido da menina, mas ela acabava descobrindo por que dormindo ele falava e confessava o que fazia de errado. Pegou no vestido e ficou olhando para ele. Era um vestido azul da cor do céu, bem bonito. Cabia nela. Tinha um sol desenhado na frente e um bolso de cada lado. Não tinha ninguém ali e ninguém veria que o tinha roubado. Poderia ir embora correndo e nunca mais voltar a aquele local. De súbito,

jogou o vestido novamente na grama e ficou olhando para o tempo. Foi quando apareceu uma mulher de mais ou menos quarenta anos correndo atrás de uma galinha com o pescoço pendurado sangrando.

— Pega ela! Pega ela! Peguem essa maldita galinha!

A mulher corria atrás da galinha junto com um monte de meninos. A menina resolveu correr atrás da galinha também. Se pegasse a galinha talvez ganhasse alguma coisa. A galinha corria por demais. Voava pelos muros. Entrava nos quintais alheios. Era um Deus nos acuda. Finalmente, a menina deu um pulo como se estivesse voando e pegou a galinha.

— Viva! Que menina esperta! Pensei que ninguém pegaria a galinha!

— Está segura, senhora! Peguei a danada!

— Dê ela aqui, menina danada! Essa vai pra panela agora mesmo!

— A senhora vai matar a bichinha?

— Claro que sim! Vai ser comida no almoço! Você merece um presente por ter pegado a galinha! Venha comigo!

A mulher perguntou o que a menina gostaria de ganhar desde que não fosse algo caro e que ela tivesse em casa.

— Um vestido!

— Um vestido é caro! Nem se eu vendesse a galinha compraria um vestido!

— Um vestido usado! Tem um ali que eu gostei muito!

— Ali onde?

— Na beira do rio! Um vestido amarelo!

— Ah! Aquele vestido é da filha de dona Carminha! Eu não falo com ela! Mas posso dar um jeito! Fique aí que volto já!

A menina ficou sentada nos batentes da casa da mulher enquanto ouvia cantar um passarinho que estava preso numa gaiola. Teve pena do bichinho ali preso. Pássaro é para viver livre. Levantou-se e chegou perto da gaiola. Abriu a portinha e tangeu o pássaro para fora, que voou para o alto e para longe. Um homem, ao ver aquilo, ficou bravo com ela e a botou pra correr dali com um cinturão de couro:

— Quem mandou você soltar o meu passarinho?

— Moço, ele estava triste!

— Como você sabe disso, sua pestinha?

— Todo passarinho deve viver solto. O senhor prendeu o bichinho nesta gaiola apertada.

— Era o meu melhor pássaro. Cantava que era uma beleza. Deixei de trocá-lo por uma caminhonete só porque o amava muito.

O homem bravo bateu com o cinturão nas pernas da menina, que ficou a marca vermelha. Ela correu e ele correu atrás dela. A mulher chegou com o vestido e parou a confusão:

— Tenha vergonha, seu Matias! Batendo numa criança indefesa!

— A senhora sabe o que ela fez?

— Nem sei e nem quero saber! Pegue, querida, o seu vestido!

A menina pegou o vestido, agradeceu e saiu correndo para não apanhar mais de cinturão daquele homem malvado. Quando se viu

sozinha trocou de vestido. O novo ficou um pouco folgado nela, mas estava bom. Era um vestido azul com um sol amarelo. Azul da cor do céu. Foi andando pelas ruas. Pegou um transporte público. Depois pegou um trem. Consultou a sua bússola. Estava indo pro norte. Queria ver o mar. Sentia saudades da boneca Alice. Sentia saudades de Tom. Queria ser feliz. Estava tudo de pernas pro ar na sua vida. Sentiu vontade de conversar com o seu eu interior. Chegou no mar. Sentou-se na areia e ficou olhando para o oceano. Nada disse para ele. Estava cansada por demais. A noite já vinha caindo quando uma onda forte molhou os seus pés e deixou algo perto dela coberto por umas algas. Olhou direitinho para ver o que era, olhou novamente e, sem querer acreditar, viu a sua boneca Alice.

— Alice, onde você esteve esse tempo todo? Como chegou até aqui? O mar trouxe você para mim! Obrigada, mar!

A menina abraçou a boneca e dormiu ali deitada na areia da praia. Não queria saber de andar. Queria ficar parada um pouco. Descansar. Dormiu até o dia raiar. Lembrou-se do homem da padaria que tinha lhe dado cinco moedas. Se o encontrasse novamente pediria a ele qualquer coisa só para não esquecer como se pede algo com gentileza. Lembrou-se do padre Mário que também foi gentil com ela. Andou, andou e andou atrás do padre Mário. Era preciso encontrá-lo. Entrou e saiu de várias igrejas e não achou o padre Mário. Encontrou outros padres bonzinhos que lhe ofereceram pão e café, mas ela não quis. Tudo o que queria era

matar a saudade do padre Mário, porque quando a gente tem saudade ela também nos mata se não a alimentarmos com lembranças e encontros bons. Andava devagarzinho quando um homem com uma câmera fotográfica se aproximou dela:

— Ei, você? Ei, menininha?

— Quem? Está me chamando?

— Posso tirar umas fotos suas?

— Tirar fotos minhas para quê?

— Você é muito bonita! Pode se tornar uma modelo e ganhar muito dinheiro!

— Eu não preciso de dinheiro! Eu preciso ser feliz!

— O dinheiro traz felicidade! Nunca ouviu falar nisso?

Ouvindo aquilo, a menina foi para uma praça pública com o fotógrafo que fez várias fotos dela sentada, em pé, de braços abertos, fechados, sorrindo, fazendo careta e estirando a língua.

— Quando vou ser feliz?

— Pode demorar um pouco, mas logo será a menina mais feliz deste lugar!

— Isso é verdade?

— O quê?

— O que me diz?

— Claro que sim! Você é bonita! Se a minha agência gostar de você poderá se tornar uma modelo famosa!

— Eu não quero ser uma modelo, moço. Eu só quero ser feliz.

— Pra ser feliz tem que fazer alguma coisa.

— Tá bom! Se modelo for só ficar brincando de ficar sentada e em pé eu quero ser!

— Onde posso encontrar você novamente?

— Não sei! Não sei!

— Diga o endereço da sua casa?

— Eu não tenho casa, moço!

— Diga um local onde eu possa lhe encontrar novamente.

— No mar! Eu sempre fico no mar!

— O mar é grande e você pequenina! Como vou achar você no mar?

— É verdade! Eu não sei! Você dá um jeito!

— Pegue! Este é o meu cartão com o meu telefone para você ligar daqui a trinta dias. Não o perca. Só assim poderemos voltar a nos falar novamente.

— Como faço para ligar pra você, moço?

— De qualquer orelhão público! Ligue a cobrar ou peça para alguém ligar se não souber como ligar. O importante é que me ligue. Estarei esperando por você.

O fotógrafo se foi todo feliz e a menina também estava contente por ter nascido nela a esperança de vir a ser feliz. Naquele dia andou bem muito. Andou tanto que gastou todo o solado dos seus sapatos fazendo furo num dos pés. Lamentou, mas não desanimou. Logo teria dinheiro para comprar mil pares de sapatos iguais àqueles ou até melhores. Naquela noite foi para debaixo do viaduto

onde dormiam muitas pessoas que não tinham casas iguais a ela. Encontrou alguns conhecidos e perguntou por Tom para eles.

— O Tom está rico, menininha!

— Rico? Como assim?

— Ele mudou de vida! A gente não sabe como! Agora dá palestras para pessoas chiques! Ele nem mora mais aqui no Brasil!

— Não? E mora onde?

— A gente não sabe! Ele vive mudando de lugar!

— Moça, como eu faço pra falar com ele?

— Esqueça dele! Acho que ele nem lembra mais dessa vida desgraçada que a gente leva! Esqueceu dos pobres! O Tom tem seguranças para protegê-lo. Está rico, muito rico, menininha. Ele não vai lembrar de você!

A mulher deu um cobertor para a menina se cobrir e quando ia adormecendo chegaram umas boas pessoas para doarem alimentos e materiais de limpeza para eles. Aquelas pessoas sempre faziam aquilo.

— Trouxemos escovas de dentes, cremes dentais e sabonetes.

— Eu só tenho dois dentes!

— Pois escove os seus dois dentinhos, querida.

— Moça, onde posso encontrar um homem rico?

— Que homem você está procurando?

— O Tom! O Tom que é meu amigo!

— Nossa! Você é amiga do Tom? Que legal! Como é o seu nome?

— Maria do Mar! Eu sinto saudades dele!

— Vamos ver se encontramos o Tom para você. É muito difícil falar com ele, mas se o encontrarmos daremos o seu recado.

— Você diz que foi a melhor amiga dele que mandou dizer que estava esperando por ele no mesmo lugar de sempre.

— Digo, sim! E esta boneca? Por que está sem vestido?

— Eu não tenho dinheiro pra comprar uma roupa para ela.

— Pois na próxima vez que vier aqui vou trazer um vestido para sua boneca. Boa noite. Durma bem e não esqueça de agradecer a Deus pelo dia de hoje.

As pessoas se foram e a menina foi dormir contente com a promessa da mulher de encontrar o Tom para ela. Abraçou a sua boneca e fechou os olhos deitada ali com a sua gente. Nunca mais sairia de perto deles. Eles a protegiam e gostavam dela de verdade. Ali eram todos iguais. Dividiam a comida e os cobertores. Dormiam próximos uns dos outros para não sentirem o frio da noite. A menina dormiu e sonhou sendo uma princesa. Morava num castelo com um dragão e tinha uma bruxa malvada que queria prendê-la na torre. Um menino num cavalo branco a ajudava a escapar da bruxa. Acordou no meio do sono com a chuva que caía. Não tinha para onde ir. Uma mulher deu um pedaço de papelão para ela colocar na cabeça e se proteger como pudesse. A chuva engrossou. Começou a relampejar. Os carros passavam e jogavam água da rua neles. A menina se tremia de frio sentada na calçada. Alguém chegou junto dela e a cobriu com um pedaço de plástico. Eram os seus amigos aqueles. Compartilhavam da mesma dor.



Capítulo VII

Andando pelas ruas desde muito cedo, a menina cantarolava para os pássaros e flores nos canteiros das ruas. Achava tudo bonito. Até mesmo as pessoas carrancudas que passavam por ela e fingiam não a ver. Cada pessoa tem os seus problemas e temores. Precisamos aceitá-las como são. A menina não se importava mais com a multidão que só vivia apressada. Um dia, alguém pararia por um minuto apenas e olharia para ela. Sabia daquilo. Sabia que um dia alguém lhe daria a atenção que tanto merecia, pois o amanhã é sempre uma surpresa e amanhã será um outro dia para ela viver de uma forma mais bela. Todas as manhãs a menina acordava de um jeito diferente por dentro.

— Nossa! Você é difícil de ser cuidada, menina! Um dia tá de um jeito e no outro já está de outro jeito! Assim eu não consigo dar conta de você.

— Se você é meu eu interior, tem que me compreender. Afinal, não é você que sabe quem eu sou de verdade?

— Estou começando a ficar em dúvidas de quem é você, menina. Não entendo mais nada. Estou ficando maluquinho, maluquinho. Ser o seu eu interior é muito difícil.

— Está reclamando? Pode ir embora! Não gosto de gente reclamona!

— Huummmm! Se pudesse eu ia embora mesmo! Mas, faço parte de você e não posso sair por aí sozinho.

— Então, fique quieto e pare de me criticar. Quem já viu o meu próprio eu me criticando por ora estar feliz e ora estar meio que

querendo desistir de tudo? Você não sabe que a minha vida é complicada? Que vivo sozinha neste mundo louco? Que não tenho ninguém por mim e só recebi um nome por que um pobre padre teve dó de mim? Eu não sou complicada. As pessoas que complicam a minha vida.

— Está bem! Está bem! Mas quando tiver vontade de chorar não jogue pra cá pra dentro, pois eu fico todo molhado. Chore o quanto quiser, não sou eu quem vai rir de você.

— Eu não posso chorar. Sou uma menina corajosa. Meninas corajosas não choram. Só as molengas. Foi o Tom quem me ensinou isso.

— Todo mundo chora, menina! Até as pessoas grandes! Chore o quanto quiser quando sentir vontade! Eu sou seu eu interior e estou cansado de engolir o seu choro. Já estou ficando de barriga grande com tanto choro engolido!

A menina viu um menino sentado numa cadeira de rodas de frente a um jardim bonito numa praça pública. O menino estava sozinho e cabisbaixo. Parecia meio tristonho. Ela se aproximou dele devagar para não assustá-lo. Veio assobiando como se fosse um passarinho com as mãos para trás, escondendo a sua boneca.

— Olá! O que faz sozinho aqui?

— Quem é você?

— Eu sou Maria do Mar! Posso ser a sua amiga se quiser!

— Seria bom ter uma amiga, mas a mamãe não quer que eu tenha amigos iguais a você.

— Iguais a mim? Como assim?

— Você é uma menina de rua, não é mesmo?

— Sim, sou! Qual o problema?

— Meninas de rua chamam palavrões e dizem coisas feias. A mamãe só quer que eu seja amigo de pessoas educadas.

— Como você diz uma coisa dessas de mim? Por acaso me conhece?

— Não! Eu não conheço você, mas sei da fama de meninas de rua. Outro dia uma delas soltou um pum no meio de um restaurante onde estávamos e ainda ficou rindo do que fez.

— Eu jamais faria isso! Não vivo soltando puns na frente dos outros!

O menino começou a rir, intrigando a menina. Quanto mais ria mais bonito ficava e as suas bochechas avermelhavam. Ele tinha cabelos de ouro e grandes olhos azuis.

— Do que está rindo, menino?

— Da gente falando de pum! Bem que a mamãe disse que meninas iguais a você não têm nada para me ensinar!

— Mas foi você quem começou!

— Eu sei! Eu sei! Eu sei! De onde você vem?

— Não sei! Acho que venho do sul! Depois vou pegar o norte!

— E o que vai fazer no Norte?

— Também não sei! Você tem alguma dica?

— No norte mora um velhinho que faz sapatos para meninos com problemas nos pés.

— Muito bom! Será que ele consertaria o furo no solado do meu sapato?

— Se você tiver uma moedinha acho que sim!

— Eu não tenho nada, menino! Eu só tenho esta boneca de plástico que chora e fecha os olhos quando é deitada.

— Que boneca feia! Chega a assustar de tão feia!

— Não diga que a minha boneca é feia! Ela é linda!

— Isso é o que você diz! Com esse cabelo arrepiado e esses olhos esbugalhados pra fora parece uma assombração!

— É porque ela já está velhinha! Quando era nova era uma boneca mais bonita!

— Eu tenho um urso de pelúcia que brinca comigo à noite! Ele não é velho! Faz cinco anos que ganhei ele!

— Cinco anos é muita coisa?

— Acho que sim, menina!

— Eu não sei! Eu não sei! Eu não sei qual a idade da minha boneca. Eu não sei nem qual idade eu tenho.

— Você não sabe de nada! Precisa ir à escola!

— Se você vivesse nas ruas iguais a mim descobriria que eu já aprendi muita coisa complicada.

— A mamãe diz que meninos de rua só sabem roubar e dizer palavrões.

— A sua mamãe tem uma ideia errada da gente. Ela não conhece a vida de uma criança de rua.

— Nem eu conheço, mas estou gostando de conversar com você. Estava aqui tomando o meu banho de sol sozinho e você apareceu toda cuidadosa. Parece que você é diferente das demais crianças de rua.

— De fato a gente aprende de tudo nas ruas. Coisas boas e ruins. Mas, eu só faço o que é bom.

— Você sabe distinguir o bem do mal?

— Isso é muito complicado!

— As bruxas são más!

— Nem toda bruxa é má! Eu conheci uma que me deu uma maçã, certa vez.

— Devia estar envenenada!

— Não estava! Eu estou viva! Não sou uma alma penada!

— As pessoas que mentem também são más!

— Eu não minto nunca! Mentir é feio! Quem mente rouba, dizia o Tom.

— Quem é Tom?

— Meu melhor amigo!

— Deve ser um trombadinha igual a você!

— Você me machuca desse jeito, menino!

— Eu não quero ser amigo de uma menina desdentada, fedorenta e feia igual a você! Vá embora senão vou gritar pela mamãe!

— Eu só queria ser a sua amiga!

— Não quero ser o seu amigo! Você fala umas coisas complicadas para eu entender!

— Que coisas complicadas eu falei?

— Eu fico triste quando me lembro do bem e do mal.

— Por que você fica triste?

— Porque a minha vida inteira as pessoas foram más comigo. Ninguém quer ser amigo de um cadeirante porque eu não posso brincar com eles.

— Eu quero ser a sua amiga e você está me tratando igual eles tratam você.

— Desculpe-me! Eu fico triste quando falo sobre o bem e o mal. É tão difícil fazer o bem para algumas pessoas!

— Vamos brincar de ciranda?

— Eu não posso! Lá vem você com coisas que eu não posso fazer!

— Eu giro você! Eu giro você!

— Eu aceito! Vamos brincar!

A menina pegou na cadeira de rodas do menino e começou a rodar com ele no meio da praça enquanto as flores pareciam sorrir deles se balançando.

— Cante uma canção, menininha!

— Eu não sei cantar! Só sei uma musiquinha que o Tom me ensinou há muito tempo.

— Pois a cante para que possamos cirandar mais um pouco!

— O sapo não lava o pé / Não lava porque não quer / Ele mora lá na lagoa / Não lava o pé porque não quer / Mas que chulé!

— Você é afinada! Cantou bonito! Cante novamente!

A menina parou de girar a cadeira e o menino começou a chorar.
Ele queria brincar mais.

— Não chore! Eu preciso descansar um pouco!

— Quero brincar! Quero brincar!

Neste momento a mãe do menino apareceu e o viu chorando com a menina abaixada perto dele:

— O que está havendo aqui, filho?

— Esta menina, mamãe... esta menina...

— Uma trombadinha, filho. Ela fez alguma coisa com você?

— Não, mamãe! Ela não fez nada!

— Vamos para casa! Essas crianças de rua são muito perigosas!
Deixe eu esconder bem a minha bolsa pra que ela não a puxe.

A mulher pegou a cadeira de rodas do menino e o levou embora. A menina ficou sentada ali sozinha lamentando a visão que a mãe dele tinha em relação às crianças de rua. Deitou-se na grama e ficou a pensar. De repente sentiu que entrou dentro de si e viu lá o seu eu interior tristonho e chorando bastante:

— Por que você chora?

— Porque não me finjo de forte igual a você. Eu sou humano. Eu tenho sentimentos.

— Se você sou eu então estou chorando!

— Claro que está, mas por dentro! Aquele menino devia ter defendido você!

— Ninguém defende meninas de rua!

— Porque você não exige! Porque você se finge de forte o tempo todo!

— Olhe aqui, meu eu interior, você não pode ficar me dando ordens e me criticando. Sou eu quem mando em você.

— Então faça as coisas que eu lhe peço. Não adianta tentar ser forte o tempo todo. Seja você. Chore quando tiver vontade. Grite quando sentir vontade. Faça o que sentir vontade.

A menina foi andando pelas ruas. Na sua velha bússola decidiu ir para o norte onde morava o velhinho sapateiro que o menino falou. Era preciso consertar o seu sapato. Antes precisava conseguir pelo menos uma moeda, mas não tinha ideia de como fazer aquilo. Bem não andou e achou uma carteira cheia de cédulas e moedas. Com aquele dinheiro daria para comprar uma casa ou um barco! Era muito dinheiro! Guardou o dinheiro dentro da sua boneca e saiu caminhando! Mais na frente encontrou um homem chorando sentado numa mesa de bar, bebendo cachaça e reclamando da vida:

— Perdi todo o dinheiro do aluguel! O que vou dizer a minha mulher?

— O senhor perdeu o quê?

— Não me amole, menina! Não tenho tempo para conversar com crianças!

— Eu só quero saber o que o senhor perdeu.

— Pra quê? Pra que quer saber? Pra sair por aí com os seus amiguinhos atrás do meu dinheiro e depois que achá-lo gastar todo com porcaria?

— Não! Não! Eu não faria isso! Eu achei o seu dinheiro logo ali!
Aqui está!

A menina entregou a carteira com o dinheiro do homem e foi embora o seu sonho de comprar uma casa ou um barco. O homem nem agradeceu. Pegou a carteira com brutalidade das suas mãos e voltou a beber mais um pouco de cachaça.

— Se você fosse um adulto lhe convidaria para tomar uma cachaça comigo. Nessa idade já deve beber alguma coisa. Quer um copo da minha cachaça? Meninas de rua bebem e se prostituem todos os dias!

— Eu não faço essas coisas, senhor!

— Vem comigo, menina!

O homem pegou na mão da menina que, toda feliz, pensou que ele ia levá-la para comprar algo como recompensa por ter achado a sua carteira. Chegaram numa oficina de carros e ele pediu para que ela levantasse o seu vestido. Como se negou e quis correr, ele a empurrou no chão e montou-se em cima dela, puxando o seu negócio para fora. A menina pensou que aconteceria tudo novamente em plena luz do dia. Gritou. Gritou muito, mas ninguém apareceu. Foi violentada ali mesmo. Ensanguentada e machucada, ela não conseguia levantar do chão, mas o homem a obrigou a ir embora e jogou uma lata de água fria no seu corpo para que se levantasse e corresse para bem longe dele.

— Pegue esta moeda por ser uma garotinha tão gostosa! E da próxima vez vê se toma um banho pra não feder tanto a xixi!

A moeda caiu nos pés da menina e ela abaixou-se para pegá-la. O homem sorriu dela e deu um empurrão para que ela se fosse, ameaçando-a matá-la se contasse para alguém. Toda dolorida e sofrida, sentiu vontade de chorar, mas não chorou. Era preciso coragem para viver. Há pessoas que a gente conhece por acaso, e outras que nos dão uma lição e nos machucam e ainda há aquelas que são presentes de Deus. Aquele homem ela não sabia dizer o que ele era para ela, mas sabia que ele era mau, muito mau.

Foi andando em direção ao norte com a moeda que ganhou daquele monstro, como ela considerava o homem que a violentou. Depois de muito andar chegou à casa do velhinho que estava fechada com uma placa na porta. Talvez ele voltasse mais tarde. Talvez ele voltasse amanhã. Era preciso consertar o seu sapato e o seu coração também.

Dormiu deitada nos batentes da casa do velhinho sapateiro, à sua espera. Estava doída, sangrava ainda, os cabelos arrepiados voavam com o vento e os olhos verdes estavam cheios de lágrimas. Uma pessoa veio perguntar o que ela fazia ali e tomou um susto.

— Quero consertar o meu sapato!

— Você não sabe do que houve com o velhinho sapateiro?

— Não! Estou esperando por ele!

— Vai esperar muito tempo, menina besta! Ele se mudou! Veja!

Aqui está o novo endereço dele!

— Você pode ler para mim?

— É só você procurar a Rua da Misericórdia, número cem.



Capítulo VIII

Nas suas andanças pelo mundo, a menina se encontrou com um bloco carnavalesco. Era carnaval no Brasil. Ela ficou toda sem jeito em meio àquele fuzuê de serpentinas, apitos, gente com várias fantasias pulando e dançando e um carro de som que tocava umas músicas bem bonitinhas. Um homem passou por ela e jogou maisena no seu rosto. Ela riu. Depois outra mulher segurou as suas mãos e a fez dançar. Aquilo era muito legal. Todo mundo, de repente, parecia não ter pressa para nada e estava sorridente. Todos a enxergavam no meio do bloco e vinham brincar com ela. Um homem vestido de urso se aproximou sorridente:

— Essa sua fantasia de menina de rua é muito legal! Você está linda nela!

— Isso não é fantasia, moço! É a minha roupa de verdade! Por que vocês estão todos felizes?

— Sorria, menininha! Hoje é carnaval!

E o homem saiu pulando com uma sombrinha pequena e colorida no meio da multidão. Se era para sorrir ela assim o fez. Saiu pulando no meio do povo e cantarolando toda contente naquela festa maravilhosa que nunca tinha visto antes. O bloco descia e subia ladeiras. Os foliões bebiam, gritavam, sorriam, cantavam e pulavam ao redor da menina. Uma mulher fantasiada de enfermeira veio falar com ela toda contente:

— Que fantasia bonita essa sua, menininha! Parabéns! Você está linda nela!

— Isso não é fantasia, dona! É a minha única roupa!

— De onde você vem? Não me diga! Não me diga! De onde a gente vem não importa muito, mas sim, para onde vamos? Para onde você vai?

— Eu não sei! Fico andando pelas ruas pra ver se acontece alguma coisa legal!

— Então venha junto conosco nesta noite de carnaval! Vamos para o clube pular até o sol raiar! Você vai gostar!

— Lá tem comida?

— Lá tem samba! Muito samba! E acho que comida também!

— Então eu vou com vocês!

Aquilo foi muito bacana para a menina, pois ela conseguiu esquecer da sua vida sofrida enquanto esteve com aquele povo feliz. Não sabia daquela festa. Nunca tinha visto.

— Vocês não têm problemas?

— Ah, sim! Temos muitos, mas no carnaval a gente esquece tudo! São cinco dias de muita festa! A gente só vai lembrar dos problemas na quarta-feira de cinza.

— Que legal! Cinco dias de festa! Será que eu posso ficar com vocês durante esses cinco dias?

— Pode até desfilar na avenida pela nossa escola! Você é a minha convidada!

— Eu não sei desfilar! O que é preciso?

— Você sabe sambar! E quem sabe sambar sabe desfilar! É só mexer o corpo!

— Assim?

— Está quase lá! Mais um pouco e você se torna uma sambista!

A mulher ensinou alguns passos do samba para a menina e depois sumiu no meio da multidão alegre. Ela ficou ali sambando e pulando. Lembrou-se de Alice que começou a chorar e a tranquilizou, pois não precisava chorar naquele momento. Estava em festa. Era só alegria. Colocaram um chapéu enorme de papel na cabeça da menina e depois jogaram serpentina em cima dela junto com confetes.

— Vamos, menininha, o carnaval já começou!

— Moço, pra onde vocês estão indo agora?

— Para onde tiver felicidade!

— Nossa! Que legal! Eu sempre procurei a felicidade!

— Pois venha conosco! Esqueça todas as suas dores e tristezas! É carnaval, menininha!

O homem parecia bêbado, pois cambaleava. Aliás, todos ali pareciam alegres demais. Ela se deixou cair na alegria e quando chegou na escola de samba viu mais gente feliz ainda. Tinha até uma rainha e um rei bem gordo. Ele devia ser um comilão, pois a sua barriga era enorme. Ofereceram um lanche para a menina e ela comeu mais de vinte e sete cachorros-quentes acompanhados de refrigerante. Ficou pelos cantos com a barriga inchada e cheia demais. Não conseguia mais pular e nem sambar. Teve vontade de vomitar de tanto que comeu. Uma mulher veio buscá-la para conhecer a escola e o seu presidente:

— Eu estou tonta! Vou morrer!

— Que nada! Você só comeu demais! Venha! Venha! Logo isso vai passar! É carnaval! E no carnaval ninguém fica doente!

A menina desmaiou ao lado da mulher que a deixou deitada no chão e saiu pulando e sambando em meio à quadra esportiva. Acordou depois de certo tempo. Estava tonta. Perdera a alegria. A mulher sequer a ajudou. Que gente mais estranha aquela. Havia festa por todos os cantos. A noite caíra, mas a festa não parava. Ao contrário, chegava mais gente para dançar e pular. A menina ficou num canto da quadra observando tudo. Era melhor ir embora. De volta pra sua vida sofrida. Felicidade demais também dói na gente e não sabemos o que fazer com ela. E saiu devagarzinho, descendo a ladeira do morro. Lá embaixo entrou no meio de um tiroteio. Ficou assustada.

— Saia do meio, menina! Estamos em guerra!

— Que guerra, moço?

— A polícia invadiu o morro! Se esconda!

— Eu não tenho medo de nada!

— Se esconda! Se esconda! Eles estão atirando pra valer!

Naquele momento passou uma bala de raspão pela menina e atingiu o homem que a protegia na cabeça. Ele caiu morto no chão. Ela sabia que ele estava morto porque não respirava mais. Ela correu e se escondeu atrás de um barraco de papelão. Eram muitas balas passando por ela. Viu quando outro homem caiu morto perto de onde estava. Como chegaria de volta a um lugar tranquilo? Se voltasse para a quadra encontraria aquele povo que fingia ser feliz, mas não se importava com os problemas alheios. Se ficasse ali

podia levar uma bala na cabeça. O que fazer? Alice, a sua boneca, começou a chorar. Ela sentiu vontade, mas chorar só atrapalharia o seu pensamento. Quando choramos não pensamos direito. As balas não paravam. Um homem a pegou pelo vestido e a levou para cima do morro, subindo a escadaria, apressado.

— Está maluca, menina! Quer morrer? Venha comigo!

— Para onde está me levando, moço?

— Ora, ora! Vou tirar você do meio desse tiroteio! Isso é coisa pra gente grande!

— Você vai me ajudar?

— Claro que sim! Acabaram de matar o nosso chefe! Ele tentou salvar você e levou uma bala!

— Ele está morto! Eu vi ele morrer! Foi feio! Será que ele sentiu dor?

— Fique aqui e não saia enquanto a polícia não for embora!

O homem com uma arma na mão quase do tamanho da menina estava assustado. Deixou-a dentro de um barraco escuro cheio de caixas. Ela, muito curiosa, foi ver o que tinha dentro das caixas e achou muito pó branco e dinheiro.

— Pra que será que eles querem tanto pó? Será pro carnaval? Eu vou brincar um pouco com ele!

A menina tomou um banho de cocaína. Não mexeu no dinheiro porque não era seu e sabia que em dinheiro alheio não se mexe. Depois de muito tempo o tiroteio parou e o homem, sangrando na barriga, voltou para o local onde a deixou.

— Nossa, você foi atingido por uma bala!

— Não é nada demais! Vá chamar o Zeca!

— Quem é Zeca?

— Não se faça de besta! Todo mundo aqui sabe quem é Zeca! Eu estou morrendo e preciso contar algo para ele! Corra, menina! Traga o Zeca até aqui!

A menina saiu correndo gritando por um tal de Zeca que ela sequer conhecia. Todos olhavam para ela e apontavam para cima. Zeca estava escondido em cima do morro. Era preciso correr antes que o homem morresse sem falar com o tal do Zeca. Subiu mais ainda o morro e conseguiu encontrar o Zeca acompanhado de muitos outros homens todos armados e comemorando alguma coisa que ela não sabia, pois brindavam várias vezes.

— Quem é Zeca?

— Sou eu! O que quer aqui?

— O seu amigo mandou chamar você!

— Que amigo?

— Não sei o nome dele! Ele só disse para você ir logo, pois estava morrendo!

— Morrendo? Onde ele está?

— Escondido num barraco cheio de pó e dinheiro!

Ao ouvir aquilo o tal de Zeca chamou uns homens e foram atrás da menina para ver quem era aquele amigo que estava morrendo. Quando chegaram no local era tarde demais, pois o homem já tinha morrido, mas deixou escrito na parede com o seu sangue umas

palavras que a menina não sabia nem o que significava, pois ela não sabia ler.

— Meu amigo, mataram você!

— Foi, mataram ele! E mataram outro amigo seu também que tentou me ajudar mais lá embaixo!

— A polícia todos os dias mata pretos e pobres! Eles entram aqui e saem atirando em tudo quanto é gente!

— Lamento, Zeca! Agora preciso ir!

— Para onde vai? Você não mora aqui no morro?

— Eu não tenho casa! Eu moro nas ruas!

— Sei como é. Eu também já morei nas ruas. Você deve ser uma menina corajosa! Vejo nos seus olhos!

— Eu sou muito corajosa! Não tenho medo de nada!

— Pegue umas moedas para você comprar o que precisar! Quando quiser voltar é só me procurar! Sou eu quem manda aqui!

A menina quis pedir a Zeca para não deixá-la partir, pois ela não tinha para onde ir, mas achou melhor não se meter em confusão.

Vai que a polícia voltasse e a encontrasse com o Zeca. Prendia os dois. Ela se foi no seu passinho rápido. A sua bússola tinha se quebrado. Não sabia mais para onde estava indo. Jogou a bússola quebrada numa lata de lixo. Abraçou Alice contra o corpo. A noite chegara rápido. Era lua cheia. Lembrou-se do Lobisomem. Teve um dia de muitas emoções. Viu gente alegre e gente morta. Quase morreu também de tanto comer e depois no meio do tiroteio. Era hora de voltar para algum lugar. Talvez para o mar. Conversar um

pouco com ele. Ouvir o canto das ondas. Foi andando sem destino. E pensando em um monte de coisas que ela achava importantes. As pessoas nos chamam de fracas, mas elas não conhecem nossos calos que sangram as nossas almas doídas e sofridas. Cada um tem a sua dor. A nossa é do tamanho que a angústia cria. Sim, a angústia, palavra que veio voando para ela fazia uns dias.

Achou um livro jogado no chão e sentou-se numa calçada para folheá-lo. Tinha figuras de árvores e bichos bonitos. Quis entrar dentro daquele livro e morar nele. Devia ser legal morar numa floresta. Naquela cidade quase não existiam árvores. Elas foram derrubadas para construir prédios, viadutos e estradas. Gostava das árvores. Lembrou-se de uma onde sempre deitava embaixo dela e as folhas caídas a cobriam. As árvores são boas amigas. Elas escutam a gente e não nos criticam. Não nos chamam de feios ou bonitos. Para elas as pessoas são únicas no mundo e devem ser respeitadas. A menina entrou dentro de si e começou a conversar com o seu eu interior:

— Que você quer da vida, Maria do Mar? Fica perambulando por aí ao invés de procurar um lugar para morar. Mas como fazer isso? Quem vai dar um lar para uma menina grande igual a ela e cheia de vícios? Se ao menos soubesse ler e escrever. Se ao menos soubesse onde estava a sua família. Não sabia o motivo de ter sido abandonada, porque não se achava uma menina má e as pessoas só abandonam as coisas que não prestam. Talvez ela não prestasse para os seus pais. Nem lembrava do dia em que veio para as ruas.

É, Maria do Mar, você está crescendo. Quantos anos você terá? Quando será o seu próximo aniversário? Vamos fazer uma festa para comemorar a sua nova idade? Será que é hoje o dia dos seus anos?

A menina cantou parabéns para si sentada na calçada enquanto as pessoas passavam pulando e brincando o carnaval. Sim, comemoraria o seu aniversário durante aqueles cinco dias de festa. Seria bom nascer em meio a tanta festa no país.

— Alice, você não vai me dar parabéns? Não chore! Quero você alegre hoje!

Tinha caído um olho da boneca de plástico e a menina só veio ver naquele momento. Ficou triste de novo. Que aniversário mais chato aquele. Sem bolo, sem presente, sem o Tom, sem ninguém. O importante é que estava viva. Se tivesse ao menos uma velinha para apagar. E a menina lembrou-se das velas acesas nos cemitérios. Foi correndo atrás de um cemitério e logo achou um com os portões abertos ainda. Talvez os mortos estivessem comemorando o carnaval deles também. É ali no cemitério onde os mortos vestem os séculos. Tinham muitas velas acesas e ela saiu apagando uma a uma com o seu sopro. A cada vela que apagava batia palmas para si e dizia:

— Feliz aniversário, Maria do Mar! Parabéns pra você!

Só faltava um presente e um bolo, mas aquilo era coisa pra se pensar em outro momento. Devia agradecer aos mortos pelas suas

velas. E saiu beijando os retratos nas sepulturas. Aquelas que estavam sujas ela limpava com cuidado:

— Devemos respeitar os nossos mortos. A gente nunca sabe quando eles vão acordar novamente.

Teve a certeza de ter visto uma mulher ajoelhada rezando numa sepultura, se aproximou devagar dela, mas do nada ela sumiu deixando um terço em cima da sepultura. A menina pegou o terço e colocou na cruz. Sentiu sono e deitou-se numa sepultura de mármore preto grande. Fazia frio e ela torceu para não chover naquela noite. Já ia adormecendo quando alguém a cobriu com um cobertor preto sem dizer palavra alguma e depois a beijou no rosto:

— Quem é você? Não vá embora! Fique comigo!

Viu um vulto passar por entre as sepulturas e sumir na escuridão. Achou que estivesse sonhando ou que fosse algum morto que acordou só para ajudá-la. Os mortos são mais gentis do que os vivos. Fechou os olhos e contou carneirinhos. Quisera estar morta, assim teria um lugar onde morar. Esticou as pernas e os braços. Depois os encolheu novamente. O seu eu interior começou a falar:

— Esqueça o que os outros dizem. Eles não sabem das suas lutas. Nem imaginam o peso que você carrega nas costas. Cada um tem o seu jeito ímpar de ser. Isso se chama subjetividade. Continue caminhando. Não desanime de si. Pense em coisas boas.



Capítulo IX

Estava andando pelas ruas, como sempre fazia naquele dia de sol quente. O vestido azul sujo, o cheiro de xixi que nem ela suportava mais e a boneca Alice chorando. Seria mais um dia difícil. De repente, parou na porta de uma escola de balé, pois viu muitas meninas bailando no ar e ficou ali olhando admirada para elas com vontade de ser uma bailarina também. A professora a viu parada na porta da escola e veio falar com ela. Tomou um susto, pois sabia que seria mandada embora dali e já se aprontou para correr:

— Menina bonita! Como se chama?

— Maria do Mar!

— O que faz sozinha nas ruas?

— Eu sou uma menina de rua! Não tenho para onde ir!

— E o que faz parada aqui de frente a minha escola?

— Tenho vontade de ser bailarina!

— É mesmo? Tem dinheiro pra pagar as aulas?

— Moça, eu não tenho dinheiro nem pra comer, imagine pra estudar balé!

— A gente só deve querer aquilo que a gente pode conquistar. A vida ainda não lhe ensinou isso?

— A vida me ensinou que eu posso conquistar tudo o que eu quiser. Basta ter força de vontade.

— Huuummm! Muito bem! Isso também é verdade! Entre! Quero ver se tem vontade mesmo de ser uma bailarina!

A menina entrou na escola segurando a mão da professora que lhe deu um par de sapatilhas e pediu para ela rodopiar no ar e dançar

conforme quisesse. Assim ela fez. A professora ficou encantada com a apresentação da menina. Parecia que ela já tinha feito balé durante muitos anos. Sabia ficar nas pontas dos pés, rodopiar, dançar e se equilibrar como nenhuma outra menina.

— Você é maravilhosa, Maria do Mar!

— Eu passei no teste?

— Sim, passou! Pode vir fazer as suas aulas todos os dias neste horário.

— Verdade? Eu vou ser uma bailarina?

— Acho que sim! Se você tem mesmo vontade de ser uma bailarina, chegará lá.

— É tudo o que mais quero!

— Pode ir agora! Volte amanhã neste mesmo horário que estarei esperando por você!

A menina se foi toda feliz dando pulos de alegria. Olhou bem para a rua pra não esquecer dela. Não queria andar muito para não ficar longe da escola de balé. Caminhou pouco no resto do dia. Parou num restaurante para pedir comida, pois a sua barriga roncava. Um menino de cabelos grandes cheirava cola ao lado do restaurante e ofereceu um pouco para ela:

— Aqui ninguém dá comida pra gente! Venha cheirar cola comigo! Assim não sentirá fome!

— É bom cheirar cola?

— Você só vai saber se cheirar! Tome essa lata! Tem bastante!

A menina sentou-se ao lado dele e começou a cheirar a cola. Achou gostoso e cheirou por mais alguns minutos até ficar tonta:

— Essa coisa me deixou tonta! Estou vendo tudo rodando!

— Passa já! É porque você não está acostumada!

— A minha fome passou! Você tinha razão! Quero cheirar mais!

— Pegue! Cheire o quanto quiser!

Sem saber que aquilo lhe fazia mal a menina passou o resto da tarde cheirando cola ao lado do menino. Depois andaram pelas ruas meio drogados e sem saber o que estavam fazendo. A sua cabeça rodava, ela abraçava a boneca Alice. O menino a ensinou a bater carteiras. Ela gostou de aprender. Ele disse que era hora dela o recompensar pela cola que cheirou e fazer-lhe um favor:

— Quero que roube a carteira daquele homem. Roube a carteira e corra. Estarei esperando por você logo ali.

— Tá certo! Você me dá mais cola?

— Claro que sim! Você vai ter muita cola para cheirar!

A menina roubou a carteira do homem que estava em pé olhando um jornal numa banca. A sua mãozinha leve puxou a carteira devagar do bolso do homem. Depois ela correu para onde estava o menino.

— Tome! Esta é a sua parte! Parabéns! Você aprendeu rapidinho a bater carteiras!

— Eu nunca fiz isso! Por que será que estou fazendo agora?

— A cola nos dá coragem! A cola tira a nossa fome e nos dá vida! Você é uma menina esperta! Venha comigo! Vou levar você para dormir num local bem legal!

O menino a levou para debaixo de um viaduto onde outros garotos e garotas cheiravam cola e se drogavam. Ela, inocente, se deixou cheirar cola e cocaína a noite inteira. Ficou tonta. Abraçou a boneca Alice contra o corpo. Aquilo era gostoso. Fazia esquecer dos problemas e da dor de viver sozinha pelas ruas. Tinha achado um bocado de amigos. Passou a noite cheirando cocaína. Nem dormiu. Não teve sono. Pela manhã nem se lembrou do seu compromisso com a professora de balé e foi bater carteiras com os demais meninos.

— Isso é certo?

— Certo não é, mas a gente precisa de dinheiro pra comprar a nossa cola.

— Eu adoro cheirar cola e aquele pozinho!

— Pra cheirar o pozinho mais tarde você vai precisar bater três carteiras hoje.

— Só três? Eu bato rapidinho!

Na terceira carteira que bateu a menina foi pega pela polícia e levada presa. Na delegacia, o delegado deu-lhe uns bons carões e a mandou de volta para as ruas. Era menor de idade. Não podia ficar presa. Depois de ouvir todas as palavras do delegado, a menina acordou pra realidade. Mas, sentiu vontade de cheirar a cola. Estava

viciada naquele troço. Precisava dar um jeito de conseguir um pouco. Procurou pelo menino e o achou no final da rua.

— Você é molenga! Foi presa e quase me levou junto! Eu não quero ser preso!

— Não vai acontecer nada com a gente! Eles nos soltam porque somos menores de idade!

— Não quero ficar conhecido da polícia e nem você! Hoje só vai cheirar cola se roubar um banco!

— Um banco? Eu sou apenas uma menina!

— Não tem nada a ver! Meninas também roubam bancos!

— E como vou fazer isso?

— Pegue esta arma! À noite eu, você e mais cinco amigos roubaremos aquele banco.

O menino apontou para um prédio grande e a menina abriu a boca, espantada:

— Ali deve ter muitos seguranças! Como vamos fazer isso?

— Já tenho um plano! Você vai fazer tudo o que dissermos! Agora sente-se aí que vou lhe dar a cola para cheirar!

A menina passou o resto da tarde cheirando cola e quando anoiteceu os demais garotos chegaram todos armados e prontos para roubarem o dinheiro do banco.

— Você vai nos dar cobertura, Maria do Mar! Vai ficar do lado de fora! Se ouvir ou vir algo estranho atire seja em quem for!

— Certinho! Eu não vou deixar nada acontecer com vocês! Eu prometo!

— É assim que gostamos, Maria do Mar! De meninas corajosas! Quando o sino da igreja badalou meia-noite, os meninos colocaram máscaras nos rostos e se dirigiram para o banco. A menina ficou do lado de fora observando se não aparecia ninguém enquanto eles arrombavam o cofre. Já estava quase no final o roubo e eles já tinham conseguido o dinheiro, quando apareceu um homem que percebeu a movimentação dentro do banco e começou a gritar pela polícia. Lá de dentro a menina recebeu a ordem de atirar no homem. Sem pensar duas vezes a menina pegou a arma e apontou para o homem de costas para ela e atirou cinco vezes nele. O homem caiu no chão. Os seus amigos correram com sacolas de dinheiro nas mãos:

— Corre, Maria do Mar! A polícia está vindo para cá!

— Correr pra onde?

— Corre! E não olha para trás! Você matou um homem!

— Eu matei um homem?

— Corre, Maria! Corre!

Gritava o menino que se dizia o seu amigo. A menina jogou a arma no chão, abraçou a sua boneca e correu bastante. Chegou na estação de trem e vinha passando um naquele momento. Ela pegou o trem e ficou sentada no banco toda se tremendo de medo. Desceu na estação seguinte. Pegou um transporte público, depois outro e mais outro. Tinha matado um homem. Que coisa triste. Ao chegar do outro lado da cidade e passar por um restaurante ouviu a notícia do assalto ao banco e do homem morto que chamou a polícia. Correu

mais ainda com medo de ser reconhecida. Fez um juramento para si mesma que nunca mais estaria com aqueles meninos e nem cheiraria cola nenhuma e muito menos experimentaria daquele pó branco. Sentia vontade vez ou outra, mas tomava água da chuva para passar a vontade. Ainda tinha dinheiro roubado guardado no bolso do seu vestido, mas deu de esmolas para o primeiro pedinte que encontrou nas ruas. Voltou a perambular sem destino. Estava triste consigo. Estava tão triste que o choro da boneca Alice parecia não ter tamanho para acalantar a sua dor. Matou um homem bom e inocente. Usou drogas. Fez tudo errado. Sabia que sempre era hora de se arrepender.

O dia seguinte foi marcado pelo desfile do sete de setembro. Nas avenidas as pessoas se aglomeravam para ver o desfile. A menina nunca tinha visto um. Aviões voavam pelos céus da sua cidade fazendo acrobacias bonitas. As pessoas admiradas olhavam para cima e ela também. Teve vontade de estar dentro de um daqueles aviões. Quando o desfile começou, ela achou tão bonito ver aquele monte de soldados desfilando, que entrou no meio deles e saiu desfilando junto deles. Foi até o final da avenida ao lado de um soldado que suava e parecia cansado. Ninguém a parou. Deixaram que ela desfilasse. No fim do desfile um homem vestido de branco e com o peito cheio de medalhas veio falar com ela:

— Que invenção foi essa sua de desfilar junto com os nossos militares?

— Eu senti vontade de ser uma marinheira!

— Você é apenas uma menina de rua! Nunca vai ser nada na vida! Desapareça daqui o mais rápido possível ou eu mando prender você por desacato a autoridade.

— Por que está falando assim comigo, moço?

— Você atrapalhou o nosso desfile!

— Desculpe-me! Eu não fiz por mal!

— Vocês são todas pequenas prostitutas que andam pelas ruas quando crianças e adultas vendem os corpos para os homens. Não passará disso também! Desapareça da minha frente agora mesmo! O homem estava bravo. A menina saiu correndo em meio à multidão que aplaudia o resto do desfile. Foi para bem longe dali. Chegou de frente a um bar e alguns homens assistiam a um jogo de futebol na televisão. Ela sentou-se nos batentes e começou a brincar com a sua boneca Alice.

— O que faz sentada nos meus batentes, menina?

— Nada não! Só passando o tempo!

— Pois vá passar o tempo em outro lugar!

— Moço, de quanto tá o jogo?

— Um a zero pro Flamengo!

— Você torce para quem?

— Pro Flamengo, é claro! Aqui todos torcemos para o Flamengo. E você?

— Eu não tenho time, mas vou torcer pro Flamengo também.

Naquele momento, o Flamengo fez mais um gol e todos pularam e se abraçaram felizes. O homem a convidou para sentar-se a uma

mesa e beber junto com eles. Serviram refrigerante para ela, mas quando viram que era uma menina de rua lhe ofereceram cachaça e ela bebeu inocentemente. Achou ruim, mas lhe prometeram dar comida se ela continuasse bebendo. E comida era tudo o que ela mais queria naquele momento. A menina bebeu tanto que ficou embriagada e ao final do jogo os homens aproveitaram a sua embriaguez para a violentarem do jeito que bem quiseram. Ao todo foram quatro homens. Ela desmaiou com o quarto homem a penetrando violentamente. Depois a jogaram embaixo de um chuveiro e ela acordou ainda embriagada e sentindo dores. Um dos homens a botou nas costas e largou no meio da rua.

— Começa nessa idade a ser rapariga! Logo, logo se acostuma com a coisa! Pra nunca mais se meter onde só tem homem!

A menina ficou caída ali no chão até o anoitecer. Quando viu a lua cheia no céu tentou se levantar, mas não conseguiu. Estava muito dolorida por dentro e por fora. O bar já tinha fechado e todos os homens tinham ido embora. Ela pediu ajuda a um garoto que passava na rua:

— O que fizeram com você?

— Eles me violentaram!

— Eles quem?

— Os homens daquele bar!

— Não! Eles são gente boa! Eu os conheço todos! Inclusive um deles é o meu pai!

— Eles mexeram no meu corpo!

— Você está bêbada! Não sabe o que diz! Vá embora daqui! Meu pai não mexe com garotas! Desapareça daqui!

O menino deu um chute nas pernas da menina que caiu novamente ao chão. Depois ele a ajudou a levantar-se e a empurrou:

— Suma daqui! Não volte mais senão quem vai mexer no seu corpo sou eu!

A menina tentou correr, mas as pernas tremeram. Estava tonta. Ainda estava bêbada. Ficou parada se xixizando no meio da rua diante da lua cheia e das estrelas. Viu uma estrela cadente e fez um pedido:

— Deixe eu morrer, estrela cadente! Deixe eu morrer!

Foi andando devagar até uma praça pública e dormiu em cima de um dos bancos. Ao acordar, pela manhã, o dia já tinha raiado e era tarde, pois as pessoas já estavam todas acordadas e indo trabalhar. Quis voltar para encontrar os seus amigos. Estava cansada de tanto sofrimento. Todos se aproveitavam da sua inocência. Precisava ser mais esperta ou acabaria morrendo de verdade. Foi andando pelas ruas, pegou trem, pegou transporte público, andou mais um pouco e mais um pouco. Parecia estar longe dos seus amigos da calçada onde dormia com Tom. Sim, havia o Tom. E era por ele que andava tanto e nunca chorava. Colocou o dedo no buraco do olho da boneca Alice. Ali podia ser o seu mundo. Ali dentro de Alice poderia ser uma menina feliz. Alice era cuidadosa. Se conseguisse entrar naquele buraco e ficar lá para sempre nada mais de ruim aconteceria consigo. Nada mais. O mundo é do tamanho da gente.



Capítulo Final

Era dia de Natal. As pessoas iam às compras. Nos shopping centers muitos papais noés abraçavam e tiravam fotografias com crianças e adultos. A menina ouviu falar num bom velhinho que realizava sonhos e quis conhecê-lo, mas foi impedida de entrar no shopping por cinco vezes. Teve até uma dessas vezes que implorou ao segurança dizendo que só ficaria o tempo de fazer o seu pedido ao Papai Noel, mas o homem não permitiu a sua entrada. Ali só podiam entrar crianças limpas. Sim, ela estava suja e com cheiro de xixi. Ainda naquela idade fazia xixi no seu vestido porque não tinha calcinhas para vestir.

Via as pessoas andarem apressadas no vaivém constante da cidade. Dos restaurantes vinha o cheiro gostoso de peru assado e ela sentia a barriga roncar de fome. A boneca Alice também sentia fome naquele dia e chorava um bocado encostada na barriga da menina falando para ela: — Sim, Alice, a fome é uma coisa ruim e que nos mata aos poucos. Muitas crianças morrem de fome por dia no mundo. A fome dói não somente na barriga, mas na dignidade da pessoa humana. A fome é um mal que deve ser acabado antes que nos tornemos máquinas produtoras e poetas de bits e rotinas executáveis.

A menina andava pelas ruas olhando as decorações de natal e achando tudo lindo. Pendurou-se num anjo de asas abertas que colocaram num dos canteiros da cidade e pra ver os carros passando. Queria tanto encontrar o Tom naquele dia de Natal. Ela nem sabia o que significava o Natal na verdade. Para ela o Natal

era um dia de muitas compras e muita comida, nada mais. Um dia que todo mundo se reunia e comia um bocado. Algumas pessoas também ficavam boazinhas nesse dia e davam comida para os pobres e desabrigados iguais a ela. Era bom que todo dia fosse igual ao de Natal, não é mesmo, Alice? Falou a menina em voz baixa para a sua boneca.

Aquele foi um dia bonito e a menina não sabia dizer o motivo. Talvez porque tenha sido expulsa de um restaurante onde quis pedir comida a uma mulher de saia amarela que comia um prato enorme ou porque tenham pisado nos seus pés no transporte público lotado que pegou para passar o Natal perto dos seus amigos. Afinal, diziam que no Natal a gente tem que estar perto de quem ama. Ela não entendia direito o que era amar, amor, essas coisas que as pessoas sentem e se preocupam umas com as outras. Amava uma boneca de plástico que nunca lhe falava nada e o Tom que desaparecera.

A noite caiu rápida e começou a nevar forte naquela noite de Natal. A menina sentia frio. Andava pelas ruas olhando admirada e espantada para as luzes que decoravam os canteiros, as casas e as fachadas das lojas. Viu uma árvore de Natal e abriu bem os olhos para poder ver direitinho aquela árvore bonita cheia de luzes, estrela, ursinhos e outros enfeites. A árvore estava numa vitrine de uma loja. Uma velhinha passou por ela e ficou curiosa para saber o que fazia na rua àquela hora da noite.

— Eu não tenho casa! Não tenho família! Não tenho nada!

— Hoje Jesus vai nascer novamente! Faça um pedido para ele e vá para algum lugar passar o seu Natal.

— Para onde?

— Não sei! Um lugar com pessoas queridas!

— Ué! Por que eu tenho que estar em um lugar hoje?

— Porque é Natal, criança linda! Feliz Natal!

— Feliz Natal, senhora!

A menina lembrou-se da história que o padre Mário lhe contou sobre Jesus Cristo, mas não entendeu como ele podia nascer novamente se tinha morrido pregado naquela cruz de forma terrível. Quis compreender melhor o que era o Natal e saiu perguntando a quem encontrava pelas ruas.

— Moço, o que é o Natal?

— Não me perturbe! Estou ocupado!

— Moça, o que é o Natal?

— Não tenho tempo para conversar com crianças! Pergunte a outra pessoa.

— Senhora, o que é o Natal?

— Uma coisa bonita! Feliz Natal! Até mais!

— Senhor, o que é o Natal?

— Vá pra casa, menina! Está nevando!

Ninguém respondeu a menina. Só sabia que a noite de Natal era bonita e via, de longe, as luzes dos apartamentos acesas. As ruas quase sem carros e as pessoas nas suas casas. Parecia que tudo tinha

parado naquela noite. Finalmente, chegou perto dos seus amigos que a receberam com carinho.

— Olá, menininha! Por onde você andou esse tempo todo?

— Quis ver o Papai Noel! Não deixaram!

— Eles não deixam crianças pobres falarem com o Papai Noel!

— Por que, moça?

— Acho que eles pensam que vocês vão abusar do Papai Noel e fazer muitos pedidos que ele não vai dar conta de realizar.

— Eu não! Só queria fazer um pedido bem rapidinho!

— Converse com Jesus hoje! Ele vai nascer novamente!

— Este Jesus que vai nascer hoje é o mesmo que morreu na cruz?

— Sim! O mesmo, menininha! Todos os anos ele nasce de novo! Não sei bem como lhe explicar. É coisa de tradição. O mundo inteiro comemora o Natal nesta noite. Aqui teremos um jantar que as pessoas boas trarão e você poderá participar dele.

— Vai ter peru?

— Ah, ah, ah, ah... eu não sei! Era bom que tivesse! Você já comeu peru?

— Não! Mas vi muitos perus sendo assados hoje nas vitrines dos restaurantes! Eles parecem gostosos!

— Eles são deliciosos! Se não tiver peru teremos outras guloseimas! As pessoas boas nunca esquecem da gente e quem sabe você ganha até um presente!

— Nossa! Um presente? Do Papai Noel?

— Dele eu não sei! Pode ser que sim e pode ser que não! Esperemos chegar a meia-noite. Você não tem outro vestido? Este está tão suquinho e com cheiro de xixi, menininha. Não cai bem para uma noite de Natal.

— Eu não tenho nada! Nada mesmo! Só tenho a minha boneca Alice!

— Eu compro a sua boneca e com o dinheiro você compra um vestido novo!

— Alice não está à venda! Alice é a única coisa que eu tenho! Não posso vendê-la!

— Tolice, menininha! Alice é apenas mais uma boneca! Eu compro por dez moedas e você poderá comprar um lindo vestido!

A menina ficou tentada com aquela oferta. Dez moedas era muita coisa, porém Alice não tinha preço. Era invendível. Alice fazia parte de si, e uma parte da gente não pode ser vendida de jeito nenhum. Se a menina vendesse Alice ficaria sem a sua metade e com o tempo definharia e morreria. Não! De jeito nenhum! Nunca venderia Alice! Alice era a boneca mais linda do mundo!

— Não vendo! Não vendo! Não vendo!

— Então vá embora daqui! Menina abusada! A gente quer ajudar e fica dando uma de exibida!

— Eu não tenho para onde ir, moça!

— Se vire! Não quero meninas abusadas no meu canto!

— Este canto não é seu! Este canto é dos meus amigos! Até ainda há pouco você era a minha amiga!

— Não sou amiga de menina abusada! Vá embora e nunca mais apareça aqui! Vá! Vá! Ande! Corra daqui!

A menina assustada com os gritos da moça saiu correndo daquele lugar pelas avenidas com as luzes piscando. Ficou perambulando sem saber onde parar. A neve caía na sua cabeça. Alice chorava com frio. Ela não chorava. Era uma menina corajosa. Meninas não choram. Tom ensinou para ela que chorar é para os fracos. A gente tem que sempre sorrir mesmo quando tudo estiver errado e contra nós. Ficou caminhando pelas ruas chutando as pedrinhas que encontrava no meio do caminho. Estava perto da meia-noite. Jesus em breve nasceria. Teve vontade de morrer pela primeira vez para nascer com Jesus naquela noite novamente. Quem sabe seria lembrada por todos. Deitou-se no chão e abriu os bracinhos como se estivesse crucificada. Sim, morreria igual a Jesus no meio da neve e do chão frio. Ficou ali um tempão e sentiu que estava morrendo de verdade, levantou-se e saiu correndo para esquentar o seu corpinho frágil. O sino da igreja badalou. Ouviu aplausos e pessoas conversando. Foi até a janela de uma casa e viu as famílias se abraçando, felizes. Sentou-se no batente da casa pra ver se alguma mágica acontecia na sua vida. Ficou ali por muito tempo. Alguém que vinha chegando à casa achou estranho ver aquela menina no meio da rua na noite de Natal.

— Menininha, o que faz aqui sozinha?

— Eu não tenho para onde ir.

— Mas hoje é Natal e todo mundo tem onde ficar!

— Eu não tenho, moça! Eu não tenho ninguém!

— Fique com este presente e vá para casa! Feliz Natal!

A mulher deu-lhe um casaco de cor rosa para o frio. Ela vestiu o casaco e foi andando pelas ruas. Jesus acabara de nascer. A menina não sabia o que fariam com ele novamente. E ficou a pensar se Jesus seria crucificado de novo. Deitou-se na calçada de um shopping center na esperança de ver um Papai Noel. Acabou adormecendo com a barriga faminta. Dormiu e roncou no chão frio. O segurança do shopping bem que a quis mandar embora dali, mas era Natal e naquela noite não podia ser uma pessoa má para com uma menininha, apenas naquela noite, não permitiria que ela voltasse.

A madrugada veio chegando. Um carro preto parou de frente ao shopping center. Dele desceu um homem vestido de Papai Noel, pegou a menina nos braços, a sua boneca e as levou embora dali. A menina estava tão cansada que não viu nada. O homem olhou para o seu rosto sofrido e chorou como nunca antes. Ela estava bastante fria e quase morta. Ele a aqueceu com vários cobertores. Pediu ao seu motorista para irem rapidamente embora. A menina dormia profundamente como sempre. Sem saber de nada ela se aninhou mais ainda naqueles braços fortes que a protegiam.

O dia amanheceu e a menina abriu os olhos depois das oito horas da manhã:

— Onde estou? Onde estou? Onde estou?

O homem, ainda vestido de Papai Noel, apareceu para ela, sorridente:

— Feliz Natal, menininha!

— Papai Noel! Onde estou?

— Na nossa casa! Você agora tem um lar!

— Casa? Que casa? Onde estou? Fale direito, Papai Noel. Não minta para mim!

O homem tirou o seu gorro, depois a barba e olhou carinhosamente para a menina, que esbugalhou os olhos e abriu um sorriso do tamanho do mundo:

— Tom? É você, Tom!

— Sou eu, sim! Puxa! Como procurei você, menininha!

— Tom! Tom! Tom!

A menina pulou no pescoço do seu amigo e o abraçou fortemente. Estava emocionada e o seu coração saltitava rapidamente. Nunca antes sentiu tanta felicidade:

— Um presente para você! Pegue!

— Para mim, Tom? Você comprou um presente para mim?

Ela abriu apressada o pacote grande e tirou de dentro de uma caixa um cachorrinho de verdade:

— Um cachorro! Um cachorro! Que lindo!

— Au, au, au, au, au...

O cachorrinho de pelos brancos e olhos negros pulou em cima da menina lambendo o seu rosto e latindo muito:

— Você me disse um dia que queria criar um cachorro! Agora tem um!

— Tom, onde estamos? Que lugar bonito é este?

— É a nossa casa, menininha! Agora você tem uma casa e se quiser eu poderei adotar você como minha filha!

— Filha! Sua filha? Que tudo! Eu quero, sim!

— Então vamos providenciar! Agora vamos tomar o café da manhã, que estou faminto!

— Tem peru?

— Peru? No café da manhã?

— Ainda estamos no Natal?

— Sim! Mas a gente pode comer peru em qualquer dia!

— Estou com tanta vontade de comer peru desde ontem, Tom!

— Pois vou mandar fazer um peru bem gostoso para nós dois almoçarmos!

A menina foi com Tom para a sala de jantar olhando para a decoração daquela casa enorme e cheia de detalhes. Tom parecia outro com a barba bem-feita e os cabelos bem cortados. Apesar de ter mudado muito fisicamente, ainda era o seu mesmo Tom carinhoso e amigo.

— Tom, você vai deixar eu morar aqui?

— Claro que sim! Procurei por você durante muito tempo! Não vou deixar que fuja!

— Eu posso fazer um prato de comida para minha boneca também?

— Aqui você pode fazer comida para quem quiser! A casa é nossa!
Coma o quanto quiser!

— Nossa, Tom! Que legal! Como você chegou até aqui?

— Uma longa história que vou lhe contar mais tarde! Agora quero que coma bastante até matar a sua fome! Nunca mais você vai sentir fome e frio! Nem você e nem eu!

A menina quis chorar, mas segurou o choro porque sabia que Tom não gostava de meninas choronas. Ele ria daquelas meninas que andavam pelas ruas chorando com medo de enfrentar a vida e admirava a menina por nunca chorar mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida. Então, ela ficou soluçando com o choro preso e Tom acabou percebendo.

— O que você tem, menininha?

— Nada! Nadinha não, Tom!

— Você está com vontade de chorar?

— Sim! Estou chorando de felicidade por dentro, Tom!

Então, Tom derramou muitas lágrimas, molhando a mesa do café da manhã, abraçado à menina que também chorava bastante. Os dois sabiam das dificuldades de viver nas ruas e sem ter a quem pedir ajuda. Eles sabiam das noites mal dormidas nas calçadas e do quanto era doloroso ir dormir com fome e sem tomar um banho. Muitas vezes um amparou o outro para não sentir frio.

— A nossa casa é bonita, Tom!

— Combina com você! Vá ver o seu quarto!

— Eu vou ter um quarto?

— E muitos vestidos e sapatos também!

A menina sorriu. Pegou a sua boneca Alice e a abraçou com força.

Alice nunca mais choraria. Ela quebrou o choro da sua boneca.

FIM



Rosângela Trajano é negra, moradora de periferia, licenciada e bacharel em filosofia, mestra em literatura, escritora, poeta, ilustradora e diagramadora. Estuda Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Ensina inglês e filosofia às crianças da sua rua de forma voluntária na varanda da sua casa. Já escreveu vários livros para crianças, gosta de pesquisar

sobre a literatura portuguesa, escrever poemas épicos e filosofar sobre a infância. É colunista do site Fãs da Psicanálise, Capital do Sertão e Nei Pies. Aventura-se também no mundo das charges. No seu pequeno mundo moram crianças dos mais diferentes sorrisos que gostam de ouvir as suas histórias inventadas na hora da contação. Leva uma vida simples na sua casinha pequena onde mora com a sua mamãe num bairro com pessoas que contam séculos de vida. Na infância, tomou banho de cacimbinha e vendeu tapiocas com a sua tia Rosa. Simplesmente é uma pessoa feliz apesar de algumas dores na alma crescerem hora ou outra quando sofre opressão. Uma das coisas que gosta de fazer, atualmente, é costurar bonecas de pano. Sabe dar vida ao muro da sua casa escrevendo nele versos desassossegados. Atualmente, trabalha como cuidadora de estrelas.

Primavera de 2022

Este livro foi composto na fonte

Times Nem Roman tamanho 16.



